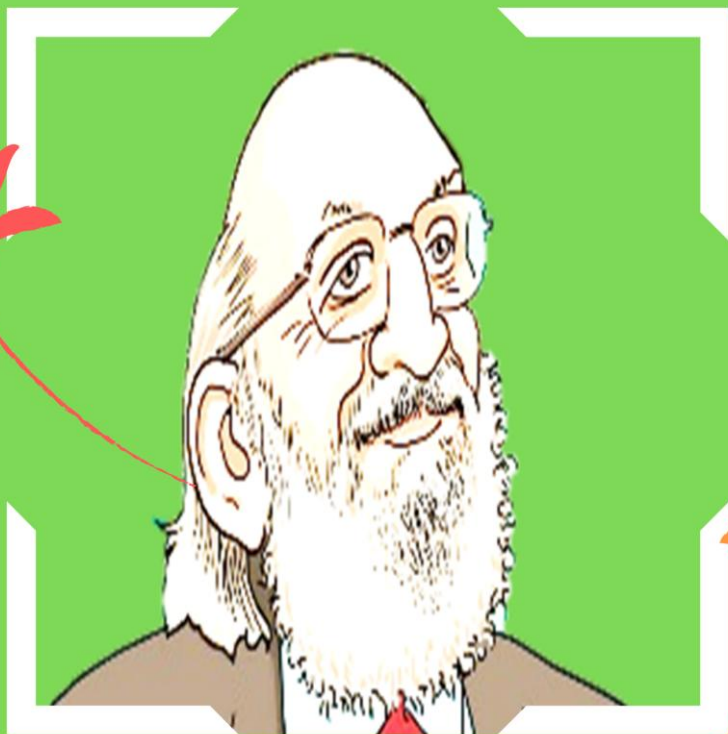


*Autobiografando-se
com Paulo Freire*



MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO



AUTOBIOGRAFANDO-SE COM PAULO FREIRE

Vol. 1

AUTOBIOGRAFANDO-SE COM PAULO FREIRE

Vol. 1

Organizadoras:
Maria Erivalda dos Santos Torres
Maria Aparecida Vieira de Melo

Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Autobiografando-se com Paulo Freire [livro eletrônico] : vol. 1 / organizadoras Maria Erivalda dos Santos Torres, Maria Aparecida Vieira de Melo. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2022.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-08-6

1. Educação 2. Educadores - Autobiografia
3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação
4. Prática de ensino 5. Prática pedagógica
6. Professores - Formação I. Torres, Maria Erivalda dos Santos. II. Melo, Maria Aparecida Vieira de.

22-108343

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

PREFÁCIO Ricardo Santos de Almeida	11
APRESENTAÇÃO Maria Aparecida Vieira de Melo Maria Erivalda dos Santos Torres	15
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA Ubiraci Gonçalves dos Santos	17
GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPATÓRIA – MEMORIAL Eliana Nóbrega de Oliveira Mona Lisa Fouyer	22
MEMORIAL/RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA: MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Layane Emanuely da Silva	27
PASSOS INCONCLUSOS DE UMA EDUCADORA NA BUSCA DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Sara Ingrid Borba	31

COLCHA DE RETALHOS: MEMÓRIAS, SABORES E SABERES Geovar Miguel dos Santos	38
PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E DECOLONIALIDADE NAS NEGRITUDES E MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NOS PROCESSOS DE ENSINO – APRENDIZAGEM José Bartolomeu dos Santos Júnior	43
MEMORIAL ACADÊMICO DE MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS DE SOUZA Maria das Vitórias Dantas de Souza	50
AS MEMÓRIAS DA TEORIA E PRÁTICA DA EDUCADORA EM TEMPOS SOMBRIOS Miriam Paulo da Silva Oliveira	81
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA Gisely de Nazaré Freitas da Silva	87
RELATO DE EXPERIÊNCIA – MEMORIAL A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E SUA INTERFACE COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS EDUCATIVA DA AFETIVIDADE Simone Ferreira Angelo	91

PREFÁCIO

As autobiografias que estão socializadas no livro **Autobiografando-se com Paulo Freire** evidenciam experiências cotidianas e educacionais dos/das autores/as que conosco contribuíram ao longo de semanas de estudo e pesquisas durante os encontros do Grupo de Estudo sobre a obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente*, de Paulo Freire, organizado pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em parceria com o Fórum Municipal de Educação de Caruaru, entre fevereiro a maio de 2021. Os diálogos entre diferentes estudantes-professores/as-pesquisadores/as ocorreram remotamente na plataforma on-line *Google Meet*, por causa da pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19) e também se consubstanciam da referência freireana estudada ao longo dos encontros.

Ao longo dos encontros foram problematizados os saberes necessários à prática pedagógica inerente aos/às professores/as de diferentes redes educacionais de ensino participantes do grupo de estudo. Para tal, se identificaram as séries de signos sobre os saberes do-discentes inerentes às práticas pedagógicas. Deste modo, evidencia-se que diferentes saberes podem ser ensinados-aprendidos de maneira criativa, lúdica e eficaz, e em via de mão-dupla do-discentes ensinam-aprendem juntos em qualquer espaço formal ou não-formal.

Explicitaram-se, ao longo dos encontros virtuais, diferentes saberes necessários à formação docente contidas no Prefácio, em *Primeiras Palavras*, e nos capítulos *Não há docência sem discência*, *Ensinar não é transferir conhecimento*, e *Ensinar é uma especificidade humana*, contidos na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários às práticas docentes*.

Assim sendo, consubstanciados pelos diferentes enunciados que se relacionam ao cotidiano pedagógico

dos/das participantes foram transcritos, por alguns/algumas participantes, este livro contém diálogos-narrativos que confluem e reafirmam suas experiências formativas do-discentes, em forma de memorial autobiográfico, considerando-se os saberes necessários à docência que se encontram escritos e explicitados neste livro.

Boa leitura!
Ricardo Santos de Almeida
Brasil, outono de 2022.

APRESENTAÇÃO

A obra **Autobiografando-se com Paulo Freire** que te apresentamos é oriunda do Grupo de Estudos do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas que realizamos sobre A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente de Paulo Freire. O estudo realizado aconteceu em parceria com o Fórum Municipal de Educação de Caruaru, em 2021, sendo este vivenciado de forma remota através da plataforma on-line *Google Meet*, por causa da pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19).

No decorrer do processo de estudos, tivemos como proposta de culminância relatos de experiências dos participantes e sua respectiva publicação. Estes e estas estudiosos e estudiosas se prontificaram a refletir sobre sua formação e atuação de forma a ressignificar suas práticas pedagógicas, assim como, os processos formativos alinhados a indissociabilidade entre a teoria e a prática, ação que permeia a identidade docente. Deste modo, destacamos que a autobiografia é uma prática reflexiva que Paulo Freire realizou constantemente em seus escritos. A título de exemplo, a obra *A Importância do Ato de Ler*, ele destaca poeticamente que o seu primeiro contato com as letras, acontecera com o seu mundo, ou seja, com os elementos comunicantes de seu cotidiano e com as pessoas que estavam ao seu redor. Assim sendo, os participantes do Grupo de Estudo fizeram reflexões de suas trajetórias formativas e profissionais. Eis, os autores e suas reflexões:

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA de autoria de Ubiraci Gonçalves dos Santos, ele relata suas experiências formativas, ressignificando os saberes apreendidos.

Já o relato sobre o GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPATÓRIA – MEMORIAL de autoria de Eliana Nóbrega de Oliveira e Mona Lisa Fouyer, elas relatam suas aprendizagens apreendidas no grupo de estudo. Destacando, o diálogo como fundante do processo formativo.

O texto MEMORIAL/RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA: MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO de autoria de Layane Emanuely da Silva, dar ênfase a sua vida pessoal e escolar, culminando com a sua atuação profissional, dando ênfase aos acontecimentos que marcaram sua vida.

PASSOS INCONCLUSOS DE UMA EDUCADORA NA BUSCA DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA de Sara Ingrid Borba, narra sua trajetória formativa, bem como profissional, salientando que o processo identitário é inconcluso, sobretudo, quando quer vivenciar a prática pedagógica com autonomia.

O relato COLCHA DE RETALHOS: MEMÓRIAS, SABORES E SABERES de Geovar Miguel dos Santos, salienta que o processo formativo advém do tecido costurado de saberes, memórias e sabores, salientando que o processo formativo é constituído numa tríade que fortalece e fomenta a identidade docente, por isso, a importância da autobiografia.

A narrativa de José Bartolomeu dos Santos Júnior sobre PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E DECOLONIALIDADE NAS NEGRITUDES E MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NOS PROCESSOS DE ENSINO – APRENDIZAGEM dá ênfase a prática pedagógica decolonial, ressignificando a pedagogia dos movimentos sociais para negritude.

O relato MEMORIAL ACADÊMICO DE MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS DE SOUZA de sua própria autoria narra sobre sua vida pessoal e acadêmica, ressaltando os momentos

mais importantes em sua trajetória formativa, vem como a sua atuação profissional, o que fomenta a sua identidade docente.

Já o relato AS MEMÓRIAS DA TEORIA E PRÁTICA DA EDUCADORA EM TEMPOS SOMBRIOS de Miriam Paulo da Silva Oliveira, narra sobre as lembranças mais marcantes de superação, sobretudo, no movimento da educação sendo vivenciada por meio do trabalho remoto emergencial, por causa da Covid-19.

A abordagem RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA de autoria de Gisely de Nazaré Freitas da Silva destaca seus processos mais marcantes em sua trajetória escolar e profissional. Destacando, os saberes da obra estudada como fundamentais para o processo de atuação profissional.

A narrativa RELATO DE EXPERIÊNCIA – MEMORIAL A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E SUA INTERFACE COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS EDUCATIVA DA AFETIVIDADE de Simone Ferreira Angelo, dar ênfase a pedagogia em um duplo movimento: tempo escola, tempo comunidade, tal qual como Paulo Freire sugere sobre a pesquisa e a extensão, indissociáveis a teoria e prática no contexto do processo de ensino-aprendizagem, uma pedagogia eminentemente do movimento, que permeia os saberes populares e científicos como fundantes do processo epistemológico e metodológico da prática docente.

O conjunto das coisas ditas e escritas pelos autores consubstanciam a importância da autobiografia como procedimento metodológico que favorece para o fortalecimento da identidade docente, desde a reflexão à prática, como nos orienta Paulo Freire na obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente.

Por esta razão, te convidamos ao processo de leitura para conhecer mais a fundo as narrativas destes autores que

encontraram em Paulo Freire exemplos de práticas pedagógicas emancipatórias e libertadoras.

Outono, de 2022

Maria Aparecida Vieira de Melo
Maria Erivalda dos Santos Torres

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA

Ubiraci Gonçalves dos Santos

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife no estado de Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo, em 02 de maio de 1997. O educador é reconhecido mundialmente como interventor da “Pedagogia Crítica” e desenvolveu seus ensinamentos a partir da educação popular objetivando a escolarização e formação para cidadania. É patrono da educação brasileira.

Freire exerceu função de educador e criador de métodos educacionais no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e no Serviço Social da Indústria (SESI). Além disso, ele contribuiu com diversas obras editadas a exemplo da “Educação: prática da liberdade (1967)”, “Pedagogia do Oprimido (1968)”, “Cartas à Guiné-Bissau (1975)”, “Pedagogia da Esperança (1992)”, “À sombra desta mangueira (1995)” e “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”.

Esta última obra citada foi dividida em três capítulos, sendo que no primeiro, Paulo Freire buscou atrair leitores a partir da introdução à temática educativa e desafios a serem enfrentados no ambiente escolar e na política educacional brasileira, para ele, é na prática docente que há um diferencial para garantir um estado mais justo e democrático e aponta à ética, respeito às diferenças étnicas raciais e educacionais como alicerce da prática cidadã.

No segundo capítulo Freire expõe sobre a prática pedagógica com os educandos visando à autonomia e

dignidade entendendo que deve haver respeito entre o (a) educador (a) e estudantes, caso contrário o ensino é inautêntico e inoperante.

E por fim, o autor enaltece a necessidade da formação e qualificação contínua do (a) professor (a) para repassar saberes para superar a ignorância dos educandos em sala de aula, “pois formar é muito mais do que simplesmente educar”.

Neste contexto, o objetivo deste memorial é refletir sobre o ensino a partir das discussões acontecidas na plataforma virtual de aprendizagem durante sete encontros sobre o livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, promovidos pelo Fórum Municipal de Educação de Caruaru baseado na metodologia freiriana de ações político-pedagógicas emancipatórias.

INTRODUÇÃO

Ainda sem conhecer as práticas e metodologia freiriana, ao ingressar na Universidade Federal da Bahia em 1997 busquei pelo primeiro estágio no ensino superior, mas era impedido por ser egresso na academia, ainda assim refletia a partir do ditado popular “mais vale a prática do que a gramática”.

Antes de ser aprovado no vestibular para o curso de Biblioteconomia e Documentação da UFBA, tive a oportunidade de estagiar na Secretária da Fazenda do Estado da Bahia em 1992, com objetivo de complementar a carga horária do curso Técnico em Administração (Ensino Médio) e exercia a função de selecionar e microfilmear documentos, além de revelar e controlar a qualidade dos filmes. Práticas e experiências adquiridas no estágio foram quem me motivou a prestar vestibular para o referido curso superior.

A partir de participação de grupos étnicos e raciais, eventos e cursos de extensão universitária passei a ser

representante estudantil em 1999, mas em 2003 quando se discutia ações afirmativas nas universidades públicas foi designado pelos diretores do Diretório Central dos Estudantes da UFBA para ser assessor dos discentes no “Grupo de Trabalho” para assuntos relacionados à reserva de vagas para negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas na universidade supracitada.

Em 2006 no curso de Pós-graduação Metodologia do Ensino de História Cultura Afrobrasileira para o Ensino Fundamental e Médio tive o primeiro contato com a obra do educador Paulo Freire, o livro “Autonomia da Pedagogia: saberes necessários à prática educativa”. Nesta época exercia a função de bibliotecário no Gerenciamento Técnico de Documentos da Diretoria de Bibliotecas Públicas da Bahia, vinculada à Fundação Pedro Calmon.

No ano seguinte fui aprovado no concurso público para bibliotecário no município de Vera Cruz, localizado na Ilha de Itaparica, onde surgiu a oportunidade de produzir livros didáticos étnicos e raciais numa editora baiana através de indicação de uma das expositoras durante “Jornada Pedagógica”.

A partir daí foi produzida a coleção História e Cultura Afrobrasileira e Indígena, do 1º ao 5º ano das séries iniciais. Uma das referências utilizadas para edição dos livros foi “Autonomia da Pedagogia”, de Paulo Freire.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA NO GRUPO DE ESTUDO

Nos encontros para discutir e refletir sobre práxis no ensino-aprendizado voltado para cidadania, visto que “não há docência sem discência”, mesmo sabendo que existam professores progressistas, conservadores e críticos da realidade social, contudo, para Paulo Freire, é relevante que “todos

devam compreender a prática e ensino”, além de “dar condições dos estudantes construir conhecimentos”.

A autonomia dos educandos e educadores são possíveis quando se pensa certo e realiza atividades educacionais com espírito fraterno e paz. “Quem ensina também aprende”. Neste sentido, Freire nos ensina que “quando o leitor fizer leituras contínuas, logo perceberá a natureza dos saberes que trata”.

É sabido que “a experiência que o indivíduo é submetido, deve-se possuir consciência de ser um sujeito da produção do saber, e também esse indivíduo se convença de que ensinar não é transferir conhecimento, e sim criar possibilidades para sua construção”.

O estímulo de produzir este memorial a partir das discussões dos encontros faz jus a práxis ensinada pelo educador Paulo Freire e disseminada pelo Fórum Municipal de Educação de Caruaru, para tanto, Freire chama atenção de que “ensinar é algo profundo e dinâmico onde a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial a prática educativa progressista”.

Observou-se também nos encontros a participação ativa da coordenação do curso e dos cursistas, esta interação de acordo com Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender”, além disso, ele alerta que “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve a chamada curiosidade epistemológica”. Homens e mulheres são serem pensantes em relação aos animais.

Para Freire, ensinar exige métodos, “a tarefa docente não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Um exemplo, o intelectual memorizador definindo como aquele que fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as memória, não consegue perceber o que leu e o que vem ocorrendo em seu país, não desenvolve o conhecimento, pensa errado, troca às palavras, portanto, este

intelectual é um analfabeto funcional. A metodologia freiriana busca formar cidadão críticos sobre a realidade social, emancipados e autônomos.

CONCLUSÃO

As leituras e debates quinzenas sobre o livro “A Pedagogia da Autonomia” no período de realização dos encontros, despertaram a necessidade de ampliar os ensinamentos de uma educação humanizada, libertária, ética, inclusiva, não sexista, nem discriminatória para todos os sujeitos sociais.

Portanto, educadores e educadoras devem atentar-se para a ação de “solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem tem o exclusivo do saber articulado”.

Com esta reflexão reafirmo a responsabilidade e compromisso ético e político de disseminar tais conhecimentos aprendidos para outras pessoas interessadas na temática objetivando o exercício da prática educacional cidadã, dialógica e libertária.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPATÓRIA – MEMORIAL

Eliana Nóbrega de Oliveira¹
Mona Lisa Fouyer²

INTRODUÇÃO

Decidimos escrever juntas esse memorial para celebrar o nosso reencontro num diálogo estabelecido ao longo de nossa formação como educadoras. Somos pedagogas, servidoras públicas da rede municipal de Angra dos Reis, onde nos conhecemos enquanto participávamos dos espaços de formação, de luta e trocávamos experiências, tecíamos sonhos, partilhávamos realizações. Após anos afastadas por diferentes motivos, nos reencontramos virtualmente, para nossa alegria, nesse grupo.

De forma virtual, estávamos refletindo sobre o contexto político atual, a pandemia de Covid 19 e o seu impacto no nosso ser/fazer cotidiano de educadoras e estudantes. O “enfeimento” do nosso mundo, a crescente pobreza e a dificuldade da garantia de direitos essenciais revelam um retrato de desesperança e sofrimento. Como servidoras públicas é inevitável o nosso questionamento frente a essa situação de injustiça e dor em que estamos imersas atualmente.

¹Mestre em Educação pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq *Aprendizagens ao Longo da Vida* (ProPED/UERJ); pedagoga da rede municipal de Angra dos Reis.

²Mestra em Educação pela UFRJ (Universidade Federal Fluminense); integrante do GEPEJA/UFRRJ (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; supervisora educacional da rede municipal em Mangaratiba/RJ).

Atuamos juntas na rede municipal de Angra dos Reis, um município situado ao sul do estado do Rio de Janeiro, região que sempre despertou o interesse por sua beleza natural, alvo de ambiciosos projetos de empreendimentos turísticos. Em seu passado foi palco dos grandes projetos de nacionais, dentre eles, a construção da Usina Nuclear e foi por um longo período área de segurança nacional, motivo pelo qual não elegíamos prefeitos até o ano de 1986.

Temos em comum, entre outras coisas, uma formação escolar marcada pelo silenciamento, pelo ensino bancário, por verdades prontas e inquestionáveis nas décadas de 70 e 80 e pelo apagamento histórico do que não é considerado oficial, do que é produzido como não-existente, como afirma Santos (2002). Mas, a ausência é também uma possibilidade de indagação e de investigação e a formação acontece em múltiplos espaços e contextos. No nosso caso, também foi marcante e formativa a militância nos movimentos da comunidade eclesial de base da igreja católica, na mobilização em torno da Assembleia Nacional Constituinte, nos movimentos ecológicos e nos protestos contra Usina Nuclear (Hiroshima, nunca mais!). Esses processos ocorridos pelos anos de 1980 foram desvelando uma visão ingênua do mundo e, pela experiência na militância, superando-a. A compreensão de nosso inacabamento, como nos ensinou Freire (1996), nos lançou no movimento de constante formação e reflexão sobre a nossa prática em conjunto com o outro.

Nosso primeiro encontro com Paulo Freire se deu neste contexto de releitura do mundo, de indagações, constatações e de descoberta da necessidade e urgência de intervenção ao nos colocar frente à tessitura do conceito de cidadania, de democracia, de direito. E, nós nos sentimos convocadas a dialogar enquanto educadoras.

Nosso caminho como educadoras se inicia como estudantes de escolas públicas e, posteriormente, como

professoras de escolas públicas. A preocupação e o comprometimento com os jovens que passam anos e anos na escola sem conseguir se alfabetizar e que engrossavam a fileira dos excluídos do direito à educação, me levou, como pedagoga a participar da elaboração e desenvolvimento do projeto Saúde e Aprendizagem em 1989. O projeto foi uma parceria entre a Secretaria de Educação e Secretaria de Saúde do município no sentido de discutir a medicalização escolar e o caráter interacionista da educação. Em 1990 se inicia o processo de criação do Projeto MOVA Angra (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do município de Angra dos Reis), onde nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, uma como monitora do projeto e outra como pedagoga da rede municipal sempre muito próxima ao MOVA. Foi nesses encontros, que o nosso ser/fazer de educadoras se ressignificou, criou contornos imersos em práticas que caminhavam no sentido de discutir a realidade apresentada, atuar com palavras-mundo mergulhadas em sentidos, vivências e existências do mundo.

O MOVA Angra foi um projeto de educação popular inspirado no MOVA-SP, que teve Paulo Freire como um de seus criadores. Foi uma parceria entre o poder público municipal e movimentos sociais.

A temática da alfabetização de jovens e adultos nos instigava. O encantamento por esse trabalho e, conseqüentemente, por esse campo de estudo se concretizou tanto ao conhecer a realidade de vida dos estudantes com histórias de vida muito complexas, quanto pela forma como era conduzida a formação continuada proporcionada pela coordenação pedagógica deste projeto. O que se descortinava de nós naquele momento era algo muito desafiador e abrangente, a alfabetização de jovens e adultos.

Em nossas conversas e buscas nos reencontramos no Grupo de Estudo "Pedagogia da Autonomia". O convite do grupo de estudo de releitura de Paulo Freire se revelou potente

convite para conjugar o verbo esperar e para repensar nossas práticas junto com o coletivo desse grupo.

Reflexões sobre a formação vivenciada no grupo de estudo

Não há como deixar de destacar que o momento atual tem nos desafiado constantemente a procurar outras formas de nos encontrar. Formas virtuais têm encontrado seu espaço proporcionando maneiras de discutir, trocar experiências, refletir coletivamente, aprender, ensinar. Neste contexto, este curso nos mergulhou, inevitavelmente, na busca de ampliar o nosso olhar para a boniteza existente na extensão de conhecimentos e na compreensão de nosso inacabamento.

Ao abordarmos discussões sobre o fato de que ensinar e aprender exige disponibilidade para o diálogo, percebemos o quanto evidenciamos as análises profundas direcionadas ao respeito às diferenças, a consciência da nossa inconclusão, a importância da abertura respeitosa aos outros.

Outro ponto que merece destaque foi quando adentramos na discussão sobre a formação ética sempre ao lado da estética. O respeito à natureza do ser humano assume papel central sendo incoerente pensar os sujeitos fora da ética. Para Freire, isso seria uma transgressão.

Na obra intitulada Pedagogia da Esperança, a realidade dos estudantes assume centralidade no respeito aos seus saberes, na sua autonomia, no querer bem. Percebemos esta mesma ação refletida na dinâmica apresentada em cada um dos nossos encontros. O compromisso com o diálogo, com a escuta do outro nos permitiu a atualização, de forma amorosa, do nosso compromisso com o processo de construção e reconstrução de conhecimento que afirme o nosso direito de ser, de convivência humana e ecológica de forma equitativa e democrática.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebemos a necessidade de continuarmos insistindo em ações que nos despertem a boniteza de ser e estar no mundo, especialmente em um contexto de perdas de entes e amigos queridos que nos marcaram e continuam marcando assustadoramente e no qual cotidianamente tragédias são anunciadas com total descaso governamental que insiste em fechar os olhos para o fato de que lida com gente e não com coisas (FREIRE, 1996, p.74). É por isso que destacamos a preciosidade deste curso que evidenciou a afetividade, a busca, a criatividade e a esperança tão necessárias neste contexto de pandemia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 27ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, nº 63, outubro. 2002: 237-280. <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>.

MEMORIAL/RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA: MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Layane Emanuely da Silva³

INTRODUÇÃO

Início esse memorial autobiográfico apresentando-me. Bem, me chamo Layane Emanuely da Silva, tenho 22 anos de idade. Sou natural de Nazaré da Mata, Pernambuco e resido no município de Buenos Aires, Pernambuco.

Enquanto estudante e profissional venho alcançando uma trajetória e pretendo trilhar mais caminhos. Sou graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *campus* Mata Norte (UPE), sou especialista em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica. Atualmente estou cursando uma segunda especialização em Psicopedagogia institucional e clínica e pagando a cadeira de Políticas Públicas como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado, também pela UPE. Além da formação acadêmica, tenho formação técnica em: Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais; Recursos Humanos; Auxiliar de Secretaria Escolar e no momento cursando Biblioteconomia.

Enquanto graduanda participei como bolsista do Programa de Iniciação à Docência Residência Pedagógica financiado pela CAPES durante 1 ano e 6 meses, tendo início em agosto de 2018 e finalizado em janeiro de 2020. Nesse mesmo período, eu já atuava como intérprete de Libras em uma escola municipal de onde resido, Passados 03 (três) anos nessa

³E-mail: laya.manuely@gmail.com

área da Educação Especial, em 2020 trabalhei como auxiliar de sala na educação infantil. Mas, infelizmente, devido à pandemia, nesse ano de 2021, encontro-me afastada da rede municipal de ensino e estou trabalhando autonomamente dando aulas de reforço.

Sou uma pessoa que gosto de estar atualizada, sempre em busca de cursos de aperfeiçoamento, cursos livres. Surgiu então a oportunidade de participar desse grupo de estudo, pelo qual fui informada através de um amigo que também se inscreveu e participou.

O grupo de estudo em questão: **Grupo de estudos - Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática docente emancipadora**, organizado pelo Fórum Municipal de Educação de Caruaru em parceria com o Centro Paulo Freire: estudos e pesquisas aconteceu de forma remota através da plataforma *on-line* Google Meet. Cujo objetivo foi através de estudos e leitura, debatermos sobre o Livro de Paulo Feire: Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa, correlacionando com a nossa prática educacional enquanto docentes, considerando os sujeitos Professor x Aluno.

Os encontros aconteciam quinzenalmente, tendo início em fevereiro deste ano de 2021 e finalizando no mês de maio.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA NO GRUPO DE ESTUDO

A figura do professor é algo marcante, quanto ao seu papel na educação. Ao lembrar-me da minha trajetória profissional, desde os estágios durante minha graduação, até assumir um posto profissional em escolas públicas, passar como docente por turmas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA, e também com experiência em escolas do campo foi desafiador e gratificante.

Pois, enquanto estudante e profissional tive a oportunidade de mesmo ensinando a outros sujeitos, pude também aprender com eles, cada um com suas singularidades deixou alguma marca registrada na minha carreira, o que é de suma importância para a minha formação.

O livro *Pedagogia da autonomia* deixa bem explícito o quão importante é a formação do docente para qualquer mudança educacional. Uma vez que, sendo a escola pública para a grande maioria dos cidadãos.

Correlacionando com outra obra pela qual fiz outro estudo, a respeito da escola é um ambiente que também serve para manter relações sociais entre os sujeitos. “A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E, se quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela” (GODOTTI, 2007, p. 12).

O professor por sua vez, assume um papel fundamental na “[...] convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.” (FREIRE, 1996, p. 07).

Com os debates no grupo de estudo a partir da obra de Freire e das experiências dos colegas, me possibilitaram ainda mais uma ampla visão crítica acerca das práxis pedagógicas do profissional docente. Uma vez que sou jovem e estou há pouco tempo compartilhando e experimentando o que é ser professor (a) na prática. E sei o quanto ainda quero e tenho que aprender.

CONCLUSÃO

○ **Grupo de estudos - Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática docente emancipadora** me trouxe importantíssimas contribuições no que tange a reflexão do ofício

do professor na escola pública, local que recebe um grande público de estudantes da classe social mais baixa. E a relação do educador com o educando que deve ser respeitadora, que, sobretudo, considerar e respeitar os saberes dos discentes que também são das classes populares. Nessa visão, assim como um estudante, o professor também é um sujeito inacabado que está em constante processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. 2007.

PASSOS INCONCLUSOS DE UMA EDUCADORA NA BUSCA DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Sara Ingrid Borba⁴

Como diz a canção de Gonzaguinha: "...Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas". Eu sou marca das lições diárias de vida de outras pessoas e por elas fui marcada.

Com esta reflexão inicial, digo da minha experiência com a educação formal na escola pública, trago-a como recorte de minhas memórias quanto à minha prática docente na intenção de compreender-me enquanto educadora na construção de minha incompletude, nas interações que se desenvolvem no grupo de Estudos sobre a Pedagogia da Autonomia, realizado pelo Centro Paulo Freire, no segundo ano pandêmico 2021, junto ao Fórum Caruaru.

Especificamente, aqui, trago a Educação de Jovens e Adultos, marcada inicialmente com a presença de pessoas idosas, maioria em um curso de educação e Jovens e Adultos promovido pela secretária de Educação do Estado da Paraíba, eram poucos jovens naquela realidade de ensino noturno em uma escola na Ilha do Bispo.

Pessoas de sorrisos fartos escondendo a timidez por terem chegado à escola e, apesar das esperanças minguadas, mas ainda vivas dentro de cada um, orgulhavam-se por poder sentar outra vez nos bancos escolares. Surgia ali em mim questionamentos sobre a condição de vida daquelas pessoas, quando as ouvia contar suas histórias de vidas, de tantas

⁴ Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação – UFPB. Membro do FEPEC – AL e membro do grupo de pesquisa GEPEDUSC-UFPB. Professora da educação de Jovens e Adultos na rede Estadual de Alagoas. E-mail: ingridsara80@gmail.com

lacunas que antes me pareciam não me tocar, agora me indignavam e me inquietavam. Por que tantas pessoas tiveram negadas as possibilidades de viver dignamente suas histórias e, no entanto, via-se claramente apesar das dificuldades que ainda não haviam perdido a esperança e guardavam sonhos. Como uma das tantas Marias de minha turma que quase aos setenta anos chegava à escola noturna com o desejo de escrever o nome antes de morrer. Dona Maria morreu, antes de concluirmos aquela etapa, mas disse que ao menos dois dos seus três nomes tinha conseguido escrever e aprender muitas letras. Foi esta a mensagem dada por Severino, seu esposo também aluno da turma. Fiquei a me perguntar o que faltou em meu processo para ajudar a realização do desejo de Maria. Seu Severino continuou a frequentar as suas dizia-se conformado porque cada um tem sua hora e a dela chegará, mas garantiu que ele ia demorar mais tempo. Feliz por está vendo melhor com uma lupa que lhe deu, já que se recusava a ir a um oftalmologista.

Estas histórias emergiram de minha mente durante as leituras e discussões do livro pedagogia da autonomia e percebo que as histórias trazidas por estas pessoas e oportunamente ouvidas evidenciam afirmações freirianas, e o professor precisa saber que: “ensinar não é transferir conhecimentos”, portanto o professor precisa saber que o processo de escuta que se dá nos vários diálogos em sala de aula, entre os sujeitos docentes e discentes “nas suas razões de ser– ontológica , política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa estar testemunhado o vivido” (Freire 2000, p. 52)

Nesta imersão nos estudos freirianos destaco a consonância destes, com minha prática docente, quanto da importância da escuta do que eles traziam de novidades, inquietações, problemáticas do cotidiano como de saúde, falta de trabalho, dificuldades de convivência com filhos e netos. E eu

nem sabia que era uma proposta freiriana e temia que a diretora chegasse e visse tantas conversas. A proposta do projeto era Escola do Rádio e eles escutavam parte da aula por este meio e acreditavam que a professora, chamada esperança fosse realmente eu. Embora a minha insistência em afirmar o contrário, me compreendo hoje no papel de não deixar morrer a esperança referentemente freiriana, no sentido do verbo esperar. Havia uma necessidade de crer que a professor esperança do rádio era a mesma que trazia momentos de alegria em sala, me fazendo relacionar quando Freire (2000, p.80) afirma que “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança”. Esta última que é intrínseca à natureza humana, indispensável ao processo histórico “sem ela não haveria história e sim, puro determinismo”, “(...) só há história onde há tempo problematizado e não dado”.

Meados de 90 em experiência com a educação na Baía da Traição - PB, cidade localizada no litoral paraibano, onde pude acompanhar de perto a construção da proposta de educação escolar indígena naquele município, passando a compreender o sentido da luta dos povos pela sua identidade e pelo direito a ter direitos garantidos e respeitados. A viver sua própria história, e pode problematizá-la no âmbito escolar com sua cultura e suas especificidades. A resistência do povo Potiguara revelava o entendimento que não são apenas objetos, mas sujeitos construtores de sua própria história, a qual não é um fato dado, mas está se fazendo cotidianamente. E resistência se dá na rebeldia de não aceitação do que está posto, para lutar contra as injustiças que insistem negar nossa historicidade e capacidade de sermos sujeitos que diz sua própria palavra.

As experiências na Paraíba me levaram ao encontro de pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no NUPEP, influenciada pelas leituras de João Francisco de Souza, ia me inserindo na busca por compreensão de mundo e das

motivações das injustiças presenciadas, a qual delineou-se com foco a educação rural e a educação de jovens e adultos no campo. Com a aprovação no mestrado em Educação Popular Comunicação e Cultura, pela UFPB, meu objeto de pesquisa tomou forma sobre as práticas pedagógicas docentes, acreditando que estas são como nos afirma Freire (2000, p. 65-66) “uma dimensão necessária da prática social, como a prática produtiva, a cultural, a religiosa etc.” aspectos como estes desenvolvem-se no fazer-se de cada dia em nossas subjetividades.

E imersa em minhas subjetividades, chego a Alagoas, concursada, para atuar no curso de magistério, maior realização da minha formação enquanto educadora, visto que o contato efetivo com a escola pública favoreceu ampliar a compreensão sobre a ausência de direitos e como ela vai se desvelando no processo, tido como normalidade no imaginário da população, fortalecendo a permanência do determinismo e conformismo de um povo. A pesquisa de campo do mestrado realizada naquele contexto rural evidenciou os pressupostos de uma educação urbanocêntrica, fortalecida no contexto educacional local, pelas interferências de interesses políticos. E neste contexto se davam a formação dos professores da localidade da zona da mata e litoral norte de Alagoas, concentrado em seis municípios, daquela região.

As disciplinas pedagógicas de didáticas e de estágios revelavam dados sobre a prática pedagógica docente na área do campo. A autoridade, a disciplina exigida atuava como negação da inserção do sujeito no processo de sua própria formação escolar. Eram tolhidas em suas opiniões e ensinados a dizer o esperado, sem exercer sua autonomia, quando Freire(2000) apontava a importância de reinvenção do ser humano na aprendizagem de sua autonomia, e a escola deveria sim ter importante papel para isto, promovendo a construção da responsabilidade em assumir sua liberdade. As

alunas e os muitos alunos do magistério, no qual fui professora, encontraram-se com Paulo Freire, carregaram durante o ano, escritos da Pedagogia da Autonomia, depois Pedagogia da Esperança entrelaçados com textos de Carlos Brandão sobre o que é educação e, de maneira deliciosa, temperados com Rubem Alves, tratando da “escutatória” e consonância com “ensinar exige saber escutar” da Pedagogia da Autonomia que hoje no grupo de estudo, pude ampliar esta compreensão da educação enquanto superação do determinismo, por sermos sujeitos que vivemos a nossa história no sentido do fazer e do sentir nela.

Seria eu então, educadora popular, frequentando escolas do campo, espaços de assentamento, conhecendo os lares acolhedores de algumas alunas durante as visitas ao campo de estágio, envolvidas com problemáticas e dilemas dos sujeitos com os quais me relacionava, também não foi possível deixar de notar as condições das escolas e seus procedimentos didáticos em sala de aula, onde eu tomava situações trazidas por estagiários para discutir a luz de escritos de Freire. Um dos textos que mais rendeu debates foi o capítulo 3 sobre ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, que impulsionou a busca de conhecimento entre os discentes e a mim que desde então enveredo na busca por saber mais, não no sentido de auto afirmação e reconhecimento, mas de ter consciência de que enquanto profissional comprometido com a educação popular, me movo e por ela sou movida a busca por transformação a partir da minha própria prática pedagógica.

Fecha-se um ciclo e abre-se outras possibilidades levando-me ao reencontro da Educação de Jovens e Adultos, na escola pública estadual de Maceió. Reflexões críticas, diálogos e discussões foram se dando no contexto desta escola que reflete a realidade da rede estadual e de outras escolas nesta capital. No curso noturno observei a presença de pessoas idosas nesta instituição, no entanto não se observou até hoje, nenhum

trabalho voltado para o acolhimento, atendimento mais específico. São invisíveis o Sr. João, a Dona Lourdes entre outros, respeitados em sala pelos colegas, seguem em seus grupos de salas, tímidos, calados, incertos de sua condição de aluno, como se ali não tivessem direitos de estar.

Desapercebidos do direito enquanto cidadão, não admitem, muitas vezes, que são capazes de aprender e de contribuir para a sociedade, para sua formação pessoal e profissional, outros trazem afirmações seguras de seu maior desejo, conquistar o sonho de concluir os estudos, sejam quais forem as motivações. Seguem no silêncio da invisibilidade, da normatização das injustiças e da negação da diversidade no contexto educacional.

Hoje anos, após anos num processo automatizado do contexto de sala de aula, me deparo com falas cruciais durante o processo de fala e de escuta, no grupo de formação no Centro Paulo Freire, me provocaram mais uma vez a repensar sobre minha atuação enquanto educadora popular, que se envolve que se compromete e sabe que tem uma tarefa político pedagógica, parafraseando Freire. Enquanto professora democrática aprendo no diálogo que se dá entre os semelhantes e os diferentes, na construção e desconstrução da minha constituição enquanto sujeito consciente do meu inacabamento, compreendo como está em Freire (2000, p.127) que

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.

Assim espaços de diálogos de escutar, firmados nos encontros com o grupo de estudos sobre a Pedagogia da Autonomia, em parceria com o Fórum Caruaru, serviu de objeto de instigação para reacender a retomada de posicionamentos políticos que não pode se dá na neutralidade. Precisamos provocar outra realidade outra dinâmica nas propostas curriculares nos espaços escolares, não se admite a prática incessante nos conteúdos pré determinados, fechado em modelos antidemocráticos. E nosso fazer-se de cada dia se dá mesmo, não adianta fuga, nos espaços de relações humanas, na convivência, foi neste grupo de estudo que exercitei a difícil tarefa de aprender a escutar, não apenas pela simples escuta, mas no sentido de transformar sua fala, tornando-a autêntica e verdadeira, de superação da dominação, do autoritarismo, do determinismo na busca pela possibilidade, porque lidamos com gente e formação e melhorando-se continuamente.

Por fim, e não por acabamento, deixo aqui meus sentimentos aos que contribuíram mesmo sem saber, no melhoramento da minha busca por ser mais, na minha e na tua humanidade, na inserção de um processo histórico dinâmico. Deixamos marcas uns nos outros, por motivações de desejos viáveis e por esperançar um mundo mais humano.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLCHA DE RETALHOS: MEMÓRIAS, SABORES E SABERES

Geovar Miguel dos Santos⁵

Começo minhas palavras questionando: como alguém se torna educador? Como alguém se torna quem é? Paulo Freire (1991, p. 58) já dizia, “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática,” é com esse pensamento e nessa questão de tornar educador que este memorial está sendo produzido.

Rememorar um pouco da própria história é um verdadeiro mergulho em si. É encontrar-se com você mesmo, na sua infância, nos momentos difíceis e principalmente nos melhores. É olhar para trás e reconhecer o caminho trilhado, com quedas, arranhões, com perdas e com conquistas. Isso é vida e isso é viver.

Neste sentido, este memorial busca relatar a experiência de vida pessoal e profissional de um jovem professor, que acredita no potencial transformador da educação e tem a obra freiriana como uma das pistas para o seu fazer docente e humano. Assim, apresento-me sempre como Geovar Miguel, filho de profissionais autônomos, que vendiam cachorro-quente e pastéis em festas culturais da minha cidade. Residente no município de Caicó-RN, passei praticamente a minha vida inteira aqui. Na infância, pude brincar, mas sempre no momento “certo”, tinha hora para tudo e nunca era muito tempo, pois precisava auxiliar em casa. Desde pequeno sempre desejei ser professor, gostava de brincar de escolinha e quando alguém questionava qual profissão que gostaria de seguir, eu

⁵E-mail: geovar17@gmail.com

era objetivo em dizer: quando crescer quero ser professor. Passei a educação básica inteira estudando nas instituições públicas de ensino, tanto municipais como estaduais, sempre próximo ao meu lugar de vivência.

Embora o desejo de ensinar estivesse latente, no Ensino Médio, devido o discurso de alguns professores, optei por cursar outra faculdade, voltada para a área tecnológica. Entretanto, durante a permanência neste curso tive a oportunidade de participar do Programa Mais Educação numa escola da rede municipal, em um bairro periférico. Na época, tinha por volta de 19 anos de idade. O sonho de ser professor, que tinha sido sucumbido, começou a ser latente. Nos momentos de prática, as reflexões sobre elas começaram a surgir. Os debates e discussão no curso de Sistema de Informação não dava conta dos meus questionamentos, então, no ano de 2012 resolvi tentar as vagas residuais para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com a aprovação, eis que tive que tomar uma das maiores e mais difíceis decisões da minha vida. Abandonar um curso com três já anos integralizados ou ir para onde tenho interesse e começar um novo processo. Do zero? Depois de muita análise, a decisão é tomada, e costume dizer até hoje, foi uma das melhores decisões que tomei em minha.

A passagem pelo curso de Sistemas de Informação entre 2010 à 2013 foram essenciais para conhecer a dinâmica universitária. Ao ir para a Pedagogia, já estava decidido qual seria o meu objetivo no curso. Atuar e buscar uma postura alinhada com meus ideais. A chega no curso de Pedagogia foi super tranquila, a quantidade de leitura inicialmente era grande, pois não é comum nos cursos tecnológicos. Com uma certa dificuldade, mas com o interesse de contribuir, comecei a ler os textos a tal ponto que percebo hoje, a minha formação leitora começou de fato apenas universidade e se estendeu para a minha vida a tal ponto que sou apaixonado pela leitura e

consequentemente pela escrita. Reconhecer isso, faz com que em meu fazer docente diário busque propor práticas de leitura do mundo e da cultura escrita. Em 2014 fiz mobilidade acadêmica nacional, este momento foi um verdadeiro mergulho em águas profundas. Consegui viver só, em uma cidade grande, a ter responsabilidade e ampliar meu olhar sobre a Educação. A experiência da mobilidade abriu meus horizontes para conhecer um pouco mais da realidade da Educação em nosso país. Foi um ano dialogando com os colegas e hoje amigo da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

O processo de reflexão acontecia a cada aula dos componentes curriculares e principalmente sobre a prática, em especial nos estágios desenvolvidos na graduação. Durante o período que estive em mobilidade fiz todos os estágios curriculares possíveis, em buscar de achar a resposta para a pergunta: quando me torno professor/educador?

Eis que estou aqui, a fazer este questionamento e tomo como mote os ensinamentos de Freire (1991), nos tornamos educadores no processo. A cada dia nos constituímos como educadores. É na nossa ação diária que os saberes necessários a prática docente se consolida e se renova.

Em busca deste tornar educador, a formação continuada é um dos caminhos. Neste sentido, no ano de 2021, em plena pandemia, o Centro Paulo Freire em parceria com o Fórum Municipal de Educação de Caruaru/PE organiza um grupo de estudo da obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. Clássico da educação.

O grupo de estudos se reunia de forma síncrona, sempre nas noites de segundas-feiras através de um aplicativo de chamada de vídeo. Cheguei no grupo de forma tímida, mas o espaço de acolhida e respeito ao ser humano esteve presente. Observei cada detalhe e a potência das professoras que estavam a coordenar o grupo. A cada encontro problematizávamos questões relacionada a educação brasileira

no século XXI, relatamos nossas angústias e compartilhamos saberes e sabores, buscando construí-los. Durante os encontros, Paulo Freire esteve vivo dentro de cada um e cada uma de nós.

Este reencontro com Freire, três anos após a minha formatura, relendo uma de suas obras foi um momento de voltar e lembrar por quais motivos estou na educação, a relembra-los quais motivos me levam a trabalhar por um mundo melhor e mais digno para os seres humanos e as demais espécies que aqui habitam.

A dinâmica dos encontros seguia sempre com um momento de ritual, em que os participantes contribuía-ram com poemas, poesias, músicas e depois relatávamos as nossas construções ao (re)ler Freire.

Nesta segunda leitura a potência da escrita do nosso patrono tinha mais força, deixa mais marca na minha carne e na mente. Ao reencontrar Paulo Freire e debater com as pessoas presente no grupo de estudo, este ato impactava diretamente o meu fazer docente na pandemia, promovendo uma mudança em minha proposição metodológica, em que busquei imediatamente o trabalho coletivo, com respeito aos educandos e educandas, pautando propostas relacionadas as suas vivências e experiências. Foi que lembrei, é possível e é preciso ser freiriano no meu fazer pedagógico na Zona Rural de Santana do Matos, espaço em que atuo.

Ao reler Paulo Freire lembrei que os saberes essenciais a prática docente exige alegria e esperança, pautada na rigorosidade metódica, pesquisa, criticidade, ética e estética, como também exige humildade, bom senso e consciência do inacabado. Ao reler Paulo Freire, lembrei que preciso a cada dia, buscar ser mais de mim mesmo. De problematizar as coisas que estão postas. Aprendi que não basta constar, é preciso, ao constar, intervir.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E DECOLONIALIDADE NAS NEGRITUDES E MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NOS PROCESSOS DE ENSINO – APRENDIZAGEM

José Bartolomeu dos Santos Júnior

INTRODUÇÃO

‘Quando me vê abre os braços; me dê um sorriso! Sou eu negro lindo (sou eu, sou eu)! Sou Negrão!’ É com esse trecho de uma canção do Léo Santana que iniciamos este relato de experiência. Sou um negro lindo, cujo nome é José Bartolomeu dos Santos Júnior. Professor estatutário da rede estadual de Pernambuco, e municipal de Itapissuma. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana (FFPG-2008), especialista em História do Brasil pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros (FADIMAB-2012), e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (CE-PPGE-UFPB-2019). Aqui, nos propomos a expor um pouco das nossas experiências com os estudantes do Ensino Fundamental anos finais (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio Regular que estão inseridos e engajamos em espaços dos movimentos negros do município de Goiana-PE. Também iremos relacionar nossas experiências profissionais com a obra “Pedagogia da Autonomia”, do pedagogo Paulo Freire, e os debates, discussões, definições e considerações que compartilhamos no grupo de estudo que se reunia de maneira remota, mas que neste período pandêmico, onde a humanidade foi acometida pelo COVID 19, trilhamos e reconstruímos saberes, além de forjarmos novas conjecturas de práticas educativas que contribuam para constante emancipação, conscientização e libertação de todos os envolvidos na reelaboração social, visando equidade, tolerância e respeito à todos e todas.

Palavras-Chave: Identidades. Negritudes. Paulo Freire. Prática Pedagógica.

REFLEXÕES

Chegamos para lecionar os componentes curriculares de história e sociologia na Escola Estadual Coronel José Pinto de Abreu, localizada na Avenida Nunes Machado, Goiana-PE, no ano letivo de 2015. Tendo me iniciado no magistério da rede estadual na Escola Severino Gouveia de Lima, em Itaquitinga no ano de 2010, em 2014 solicitei remoção/transferência para a escola que estou atualmente. O município de Goiana é rico em movimentos étnicos de origem negra. Na verdade, toda a Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco ferve cultura afro-brasileira, e não poderia ser diferente. O negro escravizado aqui chegou ainda na primeira metade do século XVI, para de forma forçada, trabalhar na monocultura da cana de açúcar, economia ainda muito forte nessa região, e em cujo trabalho ainda estão como funcionários muitos remanescentes dos escravizados.

Identificamos que muitos estudantes estavam conectados com esses movimentos culturais negros, mais não permitiam exibir suas pertencas no ambiente escolar. Em 2016, damos início ao projeto "Africanidades na Sala de Aula", após um de nossos alunos sofrer violência verbal/física por parte de um colega de sala, evangélico, após descobrir que o garoto seguia a religião do Candomblé. O projeto tinha e tem por objetivo debater, (re)conhecer, identificar, valorizar e dar voz/espaco dentro da escola para esses estudantes com o intuito de reforçar suas identidades/identificações, pois, a escola deve ser um local acolhedor das "classes populares e a serviço do seu processo de libertação, no sentido freiriano de reflexão e ação em favor da independência dos oprimidos numa ação coletiva" (SILVA, 2016, p. 64).

Dessa realidade, fiz o projeto de dissertação e participei do processo seletivo do mestrado em educação da UFPB e forjamos nossa monografia intitulada “Africanidades brasileiras na sala de aula: identidades e (re)conhecimentos”, defendida publicamente em fevereiro de 2019, sob a orientação do Prof^o Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves. Desde a nossa chegada nesta escola, tentamos colocar em prática os conceitos e vivências dos escritos de Paulo Freire. Este ano de 2021, onde a pandemia COVID 19 ainda nos distancia fisicamente, adentramos no Grupo de Estudos do Centro Paulo Freire, para de forma virtual, através do Google Meet, estudarmos e analisarmos A Pedagogia da Autonomia. Confesso que já havia lido a obra e a utilizado, bem como a Pedagogia do Oprimido, e outras obras freirianas, em nossos trabalhos acadêmicos e em nossa prática profissional.

Durante essa releitura, realizei simultaneamente a leitura do livro “Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno de Paulo Freire e Orlando Fals Borda”, de autoria do João Colares da Mota Neto. E, em nossa prática educativa em aulas remotas e presenciais, modelo denominado de híbrido, nós trouxemos para os estudantes o debate sobre seus lugares, conhecimentos e reaprendizagens neste atual momento conflitivo que estamos vivenciando. Nos debates do grupo de estudo ou nos grupos de whatsapp das salas de aula, sempre algum participante nos traz alguma categoria abarcada por Paulo Freire e em particular enfoque, suas ações pedagógicas, classificadas por Mota Neto (2016, p. 212) como decolonial, por dar autonomia aos oprimidos, e desde a década de 90 do século passado têm fortalecido as discussões dos temas de multiculturalismo, diferença, identidade cultural, relações de gênero e de raça e tolerância.

No grupo de estudos, temos a oportunidade de conhecer e de abrangermos nossas aspirações por meio das colocações de variados companheiros e companheiras, oriundos dos mais

variados lugares das unidades federativas brasileiras. Assim, relacionando conhecimentos e opiniões, vamos aprimorando nossas práticas, nos reformulando, reinventando novas concepções a partir da decolonialidade que emerge da colonialidade e do neocolonialismo pregado e reimplantado por alguns setores da sociedade.

Esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade conflitiva, implica um novo enfrentamento dos indivíduos com sua realidade. Implica uma “apropriação” do contexto, numa inserção nele, num já não ficar “aderido” a ele; num já não estar quase sob o tempo, mas nele (FREIRE, 2007, p. 47).

Categorizando os espaços escolares como comprometidos com esse processo em construção das emancipações dos sujeitos nas mais variadas causas e bandeiras, validando o compromisso do educador com mudanças sociais nos projetos de autonomia, Paulo Freire expõe que

Como educador, preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. Não posso, se realmente progressista, impô-los arrogantemente o meu saber como verdadeiro (FREIRE, 1996, p. 81).

Em nossa dissertação, identificamos os movimentos socioculturais aos quais nossos discentes estavam vinculados e então, adentramos nas óticas e em suas leituras de mundo. São manifestações seculares que se inventaram e se reinventam, sobrevivem se ressignificando, buscando sua autonomia no cenário de conjunturas do neocolonialismo. Participaram da pesquisa 52 estudantes dos três horários de funcionamento da escola – manhã, tarde e noite. “Entre os movimentos estão: as bandas musicais Curica e Saboeira, os grupos de capoeira, as colônias de pescadores do Baldo do Rio e de Atapuz, um terreiro de Umbanda/Candomblé, grupos de caboclinhos, pretinhas do Congo, e a comunidade quilombola de São Lourenço” (SANTOS JÚNIOR, 2019, p. 43).

Com nossa prática educativa, queremos desconstruir preconceitos que foram criados em relação às negritudes e suas formas de ler o mundo. A escola pode e deve levar em consideração os conhecimentos prévios dos discentes, pois, ao chegarem às escolas, os estudantes trazem consigo elementos que foram introduzidos no seio da família e na comunidade, bem como nos grupos aos quais construíram vinculação. A escola deve perceber e sistematizar situações onde o estudante possa se identificar, se (re)afirmar e não apenas “receber” conteúdos. Devemos levar em análise de que muitas vezes a escola é o único espaço frequentado pelos discentes onde esse debate e afirmações das subjetividades podem ocorrer.

CONSIDERAÇÕES

Mota Neto (2016, p. 212), baseado no legado do patrono da educação brasileira, o pedagogo e escritor, professor Paulo Freire, que nesse modelo de educação cultural autônoma, onde otimizamos práticas e aperfeiçoamos saberes que

Na educação dialógica são priorizadas atividades que estimulem a participação, a pesquisa, o debate, o trabalho cooperativo, a solidariedade, a expressão artística, o afeto, a pergunta, a oralidade. O professor, sem perder sua autoridade, incentiva o desenvolvimento da liberdade com responsabilidade dos alunos, e aprende enquanto ensina; o aluno, corresponsável pelo processo pedagógico, ensina enquanto aprende.

Planejando, lutando e praticando atitudes por uma melhor sociedade local, regional e nacional, vamos esperando, ocupando espaços, dialogando e reaprendendo nos âmbitos docentes, acadêmicos, classistas, associativos e corporativos aos quais nos prontificamos. Já estamos ansiosos pelas novas explanações dos nossos próximos grupos de estudos em que partilhamos vida. Façamos a nossa parte, pois ela, mesmo pequena, sempre fez e fará a diferença na vida de muitos. As pessoas podem até esquecer o nosso nome, mas jamais esquecerão o tratamento e a maneira de falar com a qual as abordamos. Pensemos sobre...

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

SANTOS JÚNIOR, José Bartolomeu dos. **Africanidades Brasileiras na Sala de Aula: identidades e (re)conhecimentos**. João Pessoa, UFPB, 2019 (Dissertação de Mestrado em Educação – CE – PPGE – UFPB).

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. **Educação Popular:** fundamentação e vigência no discurso latino-americano. Jundiaí: Paço Editorial, 2016.

MEMORIAL ACADÊMICO DE MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS DE SOUZA

Maria das Vitórias Dantas de Souza

Jubilosamente, dedico a Deus todos os meus dons e talentos pedagógicos, aos meus avós maternos in memória Domício da Mata Dantas e MARIa pais Francisco das Chagas Dantas e Maria Lúcia Dantas, a quem tem todo esmero ao legado que eles têm sobre minha existência, a meu Filho Flaubert Cauê Dantas e ao meu esposo Gidinei de Souza por continuamente pela sua fiel companhia e me encorajar a vencer.

Rendo congratulações, ao meu poderoso, generoso e gracioso Deus, por me escoltar dia após dia com proteção e sabedoria.

Agradeço a meu esposo Gidinei de Souza, que tem sido um ajudador fiel em minha carreira pedagógica, meus pais e ao meu filho Flaubert Cauê Dantas, por ser minha inspiração a realizar-me profissionalmente.

"Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delicias perpetuamente."

Salmos 16:11

INTRODUÇÃO

Sistematicamente, neste memorial além de fazer uma retomada da minha vida pessoal, da minha infância até os dias atuais, ele detém também a função de ser parte integrante do grupo de estudo concernente a Pedagogia da Autonomia.

Jubilosamente, é neste resgate que farei destas fases da minha vida, aos que lerem que não me conhecem, terão

acesso a minha trajetória existencial permeada das dificuldades, de conquistas, de luto, passos marcantes para meu crescimento pessoal, das lutas contínuas por dias melhores para constituir o que sou hoje.

Detalhadamente, descrever esse processo de ser o que sou, perpassando em minha imagem que tenho de mim e o que desejo passar ao meu interlocutor/leitor não é tarefa fácil de ser ordenada, porque acredito que os fatos revelam o seu-eu-indivíduo na comunidade em que vivo e atuo.

Virtuosamente, diante dessa perspectiva, tracei meu perfil com minhas virtudes, refletindo claramente meus limites como ser humano, uma vez que intencionalmente ou não, não somos perfeitos na visão do outro.

Notavelmente, o meu desafio no momento é descrever esse memorial e nele demonstrar os caminhos que trilhei aos longos dos meus 36 anos, resgatando minhas memórias da infância aos dias atuais. Uma história de superação a ser contada, e uma memória acadêmica aportada sobre esforços e conquistas, até à universidade em que aprendi a discutir com os autores. Assumo uma posição de educanda e de educadora que busco continuamente me desenvolver academicamente

VIDA PESSOAL DA INFÂNCIA AOS DIAS ATUAIS

Sou Maria das Vitórias Dantas de Souza, nasci aos 18 de Novembro de 1984, às 17h:27min, pesando 4.300g, medindo 50cm. Detenho minha filiação em Francisco das Chagas Dantas e Maria Lucia Dantas, ele motorista/agricultor, ela do lar/agricultora.

Nasci por meio de parto fórceps, minha mãe, teve eclampsia, na cidade de Carnaúba dos Dantas/RN, na Casa de Parto Nossa Senhora da Paz, - APAMI, por intermédio da assistência médica de Dr. Mário Nóbrega e das parteiras Josefa Gomes (nenê) e Sylvania Dantas. Em virtude dessas

complicações meu pai, escolheu meu nome, em que ele fez uma promessa a Nossa Senhora das Vitórias, padroeira da cidade.

Lamentavelmente, obtive algumas complicações em minha saúde, devido a demora do parto, ficando com sequelas no pescoço, necessitando de tratamento. Meus pais semanalmente me levava na casa do sr. Chagas, em que ele aplicava um tipo de antibiótico chamado ampicilina durante os meus dois anos de idade. Graças a Deus superei por meio de acompanhamento dessa medicação.

Historicamente, meu nascimento se deu no final da ditadura militar (1964- 1985), tendo como presidente João Figueiredo. No ano de 1984, nesse ano, teve destaque para o movimento das Diretas Já.

Zelosamente, eu cresci sobre muito mimo, pois sou a primogênita da família, em que tive muita afetividade dos meus pais e avós. Meus avós maternos in memória Maria do Carmo Dantas (07/11/19) e Domicio da Mata Dantas (05/03/2013), bem como tive a oportunidade de conviver com meus avós paternos in memória Joaquim Batista Dantas e Severina Iraci Dantas, no Sítio Garrotes, zona rural do município de Carnaúba dos Dantas.

Recordo veemente do meu andador de madeira em formato de carro, ele serviu para mim e meus outros três irmãos: José Franceilton Dantas (10/04/1987), Franceilma Lúcia Dantas (19/01/1992) e Maria das Graças Dantas (21/11/1995), nascimentos dos meus irmãos.

Na minha infância, tive diversos momentos marcantes com minha família, lado a lado dos meus pais e avós maternos, em que convivi 34 anos 11 meses e 23 dias com minha avó materna, em que tragicamente perdi a mesma com mal Alzheimer, depressão e mal de Parkinson, com 78 anos e 23 dias, a qual me deixou muitos ensinamentos.

Destaco minha primeira boneca de plástico, que meu pai comprou num sábado, lá em Picuí/PB; das brincadeiras no parque de diversão, em que meu pai comprava os ingressos para eu e meus irmãos girarem numa centopeia, nuns carinhos e num carrossel, carrinhos de batidas, de roda gigante e etc. Nas escolas que estudei não tinha parquinho, então durante o ano aguardávamos a festa de Outubro para nos divertirmos no parque.

Meu pai sempre que frequentava as feiras de Picuí trazia para nós barganha uma das que se tornou inesquecível era o fofão, um tipo de bombom de chocolate, algodão doce na cor rosa e sorvete.

Notoriamente, eu amava brincar com uma amiga Andréia (brincadeiras de queimada, jogar pedra, esconde-esconde, pular elástico, tomar banho no rio quando chovia, num local que chamamos de tanques. Local em que podíamos brincar em família, com primos e ajudar a minha mãe lavando roupas.

Eu fui uma criança que sofri muito bullying por ser gordinha (bucha de soró) e boca de Tilápea por ser dentuça, chupei o dedo até os 12 anos, mas sempre me destaquei na sala, pela dedicação e sabedoria que Deus me ocasionava. A inveja mais marcante, ocorreu com uma menina da mesma idade que eu (Nilda), ela puxou o relógio que meu pai tinha me presenteado no meu aniversário e quebrou. Foi trágico, até hoje quando a encontro peço um relógio novo.

Atualmente, tenho convicção de que todo jovem precisa ter sua espiritualidade trabalhada, desenvolver uma intimidade continua com Deus. Em virtude de que nosso espírito é como corpo, quando não alimentado fraqueja, diante de inúmeras necessidades que certamente todos jovens sentem. Devemos deter Deus como fonte de refrigério e de fortaleza, pois, quem Nele acredita, por mais difícil que seja os obstáculos da vida há sempre esperança de oportunidades para superação.

Paralelamente, aos 12 anos conheci Jesus, em frente ao Colégio Francisco de Assis, no Povoado Ermo, através da missionária Múcia, a quem considero como minha mãe espiritual, recorro veemente que expressava a vontade de exercer a carreira dela em torna-me missionária. Como assim, tomei essa decisão em 2012, em que atuo atualmente.

Eu tive uma decisão firme, em virtude de que estava com minha madrinha (Edileuza) escolhida para o crisma e cancelei por entender que é uma pratica tradicional, a fim de cumprir um dogma religioso da Igreja Católica de São Francisco, no povoado Ermo. Fui buscar na bíblia e vi que Jesus não ensinava esse principio e sim o Batismo, em que fui batizada 15/09/2002, na Lagoa do Bomfim – São José de Mipibú/RN.

Em 1999 a 2000, eu participei de vários desfiles que envolviam seleção de títulos. Inicialmente, eu concorri à miss estudante, logo após concorri à miss da cidade e por fim, eleita como Rosa de Maio da cidade de Carnaúba dos Dantas em 2000, para concorrer ao título de miss Rosa de Maio seridoense em São Vicente/RN.

Comecei cedo minha vida profissional, trabalhando de domestica na casa dos meus tios Rosemiro e Bio. Após em Regina e por fim a de Socorro. Lá eu fazia um estudo com Minervina, cunhada de Socorro, da Igreja Batista em Carnaúba dos Dantas e aos 16 anos, no dia 21/11/2000, eu convidei a Jesus como meu Senhor e meu Salvador. Nesse momento, eu morava com minha tia Aparecida.

Em 2001, fui morar em Bananeiras/PB, onde lá tive acesso a um ensino federal e com excelência no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros - CAVN, fui bolsista do setor de bovinocultura, disputei maratonas, fiquei em 2º Lugar na categoria feminina, aprendi grandes lições de vida, com essa gigante experiência e permaneci lá até o mês de Abril de 2004, retornando para Carnaúba dos Dantas.

Em 2004, ao regressar de Bananeiras pra Carnaúba dos Dantas/RN, lecionei noEJA, às disciplinas de Inglês, História e Geografia na Escola Estadual Caetano Dantas, essa experiência me trouxe grande contribuição para minha vida acadêmica. Merece destaque que eu ensinei para minha tia paterna Josefa Alíge Dantas, com muito louvor e honra. Em Abril de 2004, fui morar com o pai de meu filho Agripino Dantas, logo após no mês de Junho, engravidei.

No ano de 2005, estive contribuindo na Farmácia Veterinária Vandecy de Moraes, nesse período lhei dava com diversos animais de pequeno e grande porte, uma vez que grávida de Flaubert sofreu uma coice de uma vaca no sítio do meu pai, em que eu estava aplicando medicação, tive um susto, mas tudo estava bem com ele, foi quando descobrir que seria mãe de um príncipe “Flaubert Cauê Dantas”, meu primogênito que nasceu em 25/04/2005, em Acari, na APAMI, essa chegada nos trouxe intenso júbilo.

Em 2007, fomos morar na Zona Norte de Natal, em Vale Dourado. Em que residimos até 2010 juntos e após nos separamos. Fases difíceis marcadas por grandes desafios. Inicialmente, Flaubert foi estudar na escola particular. Uma canção de ninar favorita era a de (Meu Príncipe) para que ele sentisse mais calmo para dormir. <https://www.youtube.com/watch?v=LvxCEI2-QCs>.

A questão das alergias foram algo muito intenso, pertinente e prejudicador na vida de Flaubert, onde morávamos continha muitas fuligens, em virtude de que nossa casa localizava-se próximo a um polo industrial “ Guararapes, Vicunha, Nortex” e ficando impossível para seu sistema respiratório funcionar perfeitamente. Por algum tempo tive que viajar todo final de semana e vir visitar ele na casa dos meus pais.

Esse tempo era muito doloroso, ficar distante do meu filho, sentia muito a ausência de um pequeno. Superamos e em

2013, nos reaproximamos e atualmente moramos juntinhos, para graça de Deus.

Em Fevereiro de 2009 até Novembro 2013, eu ingressei na Stericycle, gigante multinacional que trata resíduos sólidos, lá eu passei por quase todos os departamentos (operacional, RH e comercial). No operacional o ambiente era totalmente insalubre, em que nos submetíamos respirar ar filtrado, por imensos fornos com temperaturas de 1.200°C. Sinto saudades dessa época profissional.

Profissionalmente, no ano de 2014, eu passei num processo seletivo da prefeitura municipal de Jardim do Seridó/RN, em que na ocasião cooperei na Brinquedoteca do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV até Junho de 2017. Após fui transferida para Jucurutu, ingressando como coordenadora do SCFV, no período de Janeiro de 2019 à Março de 2020. Fui aprovada no processo seletivo do município para atuar em sala de aula com educação especial. No entanto, fui transferida para atuar na função de Chefe Executiva da Casa dos Conselhos do município de Jucurutu.

Em 2006, conheci meu esposo na Igreja Batista em Carnaúba dos Dantas. Somente em 2012, através de um retiro de Carnaval reencontrei meu amável e adorável Pr. Gidinei de Souza, em Jardim do Seridó/RN, que iniciamos uma paquera dia 19/02/2012, trocamos telefones. Foi um momento novo, em que passamos a construir sonhos juntos até o tão desejado casamento.

Iniciamos a namorar dia 03/06/2012, às 22h:40min, eu com uma saia de bolinha e blusa rosa. Vivenciamos fortes experiências pessoais, ministeriais, profissionais, afetuosas e emocionais juntinhos.

Casamos dia 03/11/16, às 17h, no Clube da cidade de Jardim do Seridó e somos uma família pastoral abençoada e abençoadora do Senhor Jesus, em que residimos desde Maio de 2017 em Jucurutu/RN, desenvolvendo trabalhos

socioassistenciais nas comunidades rurais, urbanas e em presídios inicialmente no CDP de Jucurutu e atualmente na Penitenciária Estadual do Seridó, em Caicó. Locais em que efetuei meus estágios não escolares da faculdade.

Indubitavelmente, diante de todas as adversidades, podemos desfrutar da generosa mão do nosso Senhor Jesus nos conduzindo a vivenciar da boa, perfeita e agradável vontade divina, através de um lar de benção, que detém o amor do Senhor.

Em Cristo e por Ele ansiamos com nosso segundo filho, estamos planejando para engravidarmos final deste ano, desejamos uma melhor estabilidade financeira para quitarmos nosso apartamento em Natal/RN.

VIDA ACADÊMICA: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO SUPERIOR

Educacionalmente, iniciei minha trajetória estudantil no Colégio Pedro Lúcio de Araújo, no Sítio Garrotes, nas séries de multisseriado, tendo como primeira professora Maria José Dantas (Maria de Guido). Inicie com 6 anos de idade, no ano de 1991.

Em 1995, fui transferida para o Colégio Francisco de Assis, no Povoado Ermo, morando com meus avós maternos Maria do Carmo Dantas e Domício da Mata Dantas, eu cursei do 5º ao 9º ano.

Após ter concluído meu ensino fundamental, fiz a prova do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros - CAVN, no primeiro ano não fui convocada, apenas no segundo ano ingressei no CAVN, em Março/2001.

Continuamente, eu estive tentando fazer o curso de Direito na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, no campus de Souza/PB, zerei física, a minha nota teria dado acesso ao ingresso. Lamentei significativamente, pois era algo que sonhava significativamente em realizar.

Ingressei em 2007, no curso de Administração Financeira, eu desempregada, com muitas dificuldades financeiras, recebi a bolsa do PROUNI e indo e vindo para faculdade com meu primo numa moto chamada TRAXX, dividimos muitos dias nas ruas de Natal, precisamente na Av. Salgado Filho/ Tomaz Landim, alagadas. Venci, mesmo com Flaubert ficando na casa de Cidinha. Deus cuidou dele e de nossas necessidades físicas.

Em 2012, iniciei minha carreira cristã como missionária voluntária da Junta de Missões Nacionais, servindo em Jardim do Seridó/RN, atualmente em Jucurutu/RN. Busco servir com meus talentos, me inspirando em Cristo Jesus, servindo ao próximo com zelo e excelência. Olhando com amor para as pessoas excluídas, invisíveis na sociedade e com diversas deficiências.

Em março de 2017, ingressei na UVA, no curso de pedagogia, o qual com a graça divina, concluirei no próximo ano, o qual tem trazido realizações profissionais e expectativas como profissional pra enveredar na Educação Especial e Inclusiva.

Alegremente, conclui meu curso de Licenciatura em Pedagogia e finalizei a pós-graduação de Educação Especial e Inclusiva, na Universidade UNOPAR, rumo a adentrar-me no mestrado pelo viés da Linha de Pesquisa das Pessoas com Deficiência Visual, com aporte da Teoria da Subjetividade de González Rey, em virtude disso, tenho exercido com dedicação o viés da pesquisa buscando as respostas para as minhas curiosidades. Nas postulações de Freire (1996, p. 14), dar ênfase a curiosidade epistemológica:

É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefas não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar

no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-la mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”.

Quanto a concurso público e almejo inicialmente colaborar no Serviço de Atendimento Educacional Especializado – SAEE, posteriormente na coordenação e gestão, peço a Deus assumir um estabelecimento escolar na minha trajetória educacional com autonomia e contribuir com tomadas de decisões no âmbito da Educação para todos durante a quarta revolução industrial e tecnológica. Contribui FREIRE (1996, p.32):

[...] É Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante [...].

Almejo ser uma servidora efetiva a partir de 2021, ser uma docente de mestrado e continuar estudando e pesquisando na área de Educação Especial na perspectiva Inclusiva a fim de me tornar-me doutora e servir melhor aos meus educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Plausivelmente, escrever esse memorial me proporcionou momentos de reviver e analisar a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, além de vivenciar emoções

que foram intensas e significantes de minha vida. Gerando um momento singular. Ao retomar a minha memória, detalhes da minha vida, descobrir que existem etapas que foram demarcadas por decisões em que eu buscava acertar.

Esplendorosamente, fiz uma retomada às fases pretéritas, situei-me no presente e sonhei com um futuro promissor.

Pedagogicamente, compreendi que o conhecimento é reflexivo, crítico e que há uma dialogicidade direta com práxis pedagógicas alicerçada na ética, no respeito, na dignidade e na própria autonomia, sendo uma característica peculiar do educador. Bem como que nossa história ela é escrita pela direção de Deus, desde que sejamos obedientes a sua via de Regra e Prática a “Bíblia”.

Considerando minha aprendizagem, ao longo da minha trajetória acadêmica, da infância aos dias atuais, momentos que faltará poucos degraus para a conquista de mais um sonho, momento impar em nossa vida, a conclusão de mais um curso superior.

Notavelmente, há uma dialogicidade direta do percurso experienciado da minha vida com a obra literária discutida no grupo é importante ressaltar que nesse percurso das graduações fui cada vez mais instigada a ser inconclusa e buscar informações para que no presente e futuro enriqueça minha realização profissional e

Amorosamente, aprendi nesse caminho percorrido a compreender, conviver e amar mais as pessoas com os seus limites e possibilidades. Essa atitude, me propiciou a ser mais fortalecida e enfrentar as variadas situações adversas que a própria vida se encarrega de apresentar, agradecendo a Deus a oportunidade de servir, lutar, acreditar, amar e sonhar com novos desafios e conquistas.

Por fim, destaco todas as fases vividas foram e vem sendo vivenciadas com otimismo, perseverança e esperanças.

Uma vez que creio nas promessas de Deus , com sua plenitude em excelência para mim e para com os meus.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)



Meu Primeiro Irmão José

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)



Minha Melhor Amiga da Adolescência e aos dias Atuais



Desfile de Miss Estudante



Desfile de Miss da Cidade (a direita)
Miss Rosa de Maio Seridó em São Vicente (a esquerda)

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)



Maratona no CAVN em 2002

2



Turma do Curso Técnico e do Ensino Médio - CAVN





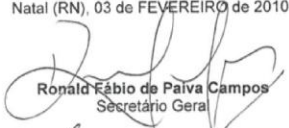
Turma de Administração Financeira -2010

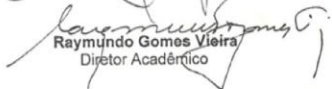


Certificado

Certificamos, para fins de direito, que **MARIA DAS VITORIAS DANTAS**, natural de CARNAUBA DOS DANTAS/RN, nascido (a) em 18 de Novembro de 1984, portador (a) do documento de identidade nº 2283075 - SSP, filho (a) de FRANCISCO DAS CHAGAS DANTAS e de MARIA LUCIA DANTAS, concluiu no ano de "2009", através da solenidade de colação de grau realizada em 03/02/2010, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira. Reconhecido pela Portaria MEC Nº 147 de 30 de Janeiro de 2007. Outrossim, informamos que o Diploma encontra-se em tramitação no órgão competente para o devido registro.

Natal (RN), 03 de FEVEREIRO de 2010.


Ronald Fábio de Paiva Campos
Secretário Geral


Raymundo Gomes Vieira
Diretor Acadêmico

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

26-3.426.951

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CIVIL DO REGISTRO DE NATALIDADE E REGISTROS
DE FAMÍLIAS
CARNALUA DOS DANTAS - RN
JEFFERSON SILVA FERREIRA - Titular

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTEIRO em An. nº. 295, vol. nº. 5.876 de Livro Nº 14.7, foi feita a assenta de **FLAUBERT CAUÊ DANTAS** nascido(a) aos 25 de ABRIL de 2004, às 23:47 horas, no APAM, na cidade de AICARÉ - RN, do sexo Masculino, sendo Filho(s) de **ADRIANO DANTAS E DE MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS**, brasileiros, solteiros, autônomos, comerciantes, Peligeros, residentes nesta Município, Mãe leve (haja) com 20 anos de idade. São seus Avós Paternos: Aurélio Dantas e dona Maria Margarida Dantas e Avós Maternos: Francisco das Chagas Dantas e dona Maria Lúcia Dantas.

Observação: O registro foi feito nos Termos da Lei nº 8.530/97, sendo documentado o Pai (avô) registrado (o) e o nome de testemunhas, Helder Araújo Dantas e Maria de Medeiros Araújo, residentes nesta cidade. PARA FIM DE DIREITO.

TODO O REFERIDO É VERDADE; DOU.FE.
CARNALUA DOS DANTAS-RN de 26 de ABRIL de 2005.

Jefferson
JEFFERSON SILVA FERREIRA
Tutor



Minha Herança " Flaubert Cauê"



Flaubert , meu filho.



Casamento na Companhia da Minha Avó



Colação de Grau de Flaubert em Família -2019

AUTOBIOGRAFANDO-SE COM PAULO FREIRE
Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

PAULO SIQUEIRA MORAIS

CPF.: 166.013.004-20

RUA CORONEL KUINCO, Nº 145 – CARNAÚBA DOS DANTAS-RN CEP.: 59.360-000

DECLARAÇÃO

Declaro que MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS, Portador do CPF N° 050.997.474-00, trabalhou como estagiária no período de 19 de junho de 2004 a 19 de junho de 2005 nos seguintes cargos: Operador de Caixa, Vendedora Externa, Assistente de Veterinário e Gerente da Filial.

Esta declaração é a expressão da verdade, sob pena de estar incluída no art. 299 do cód. Penal por cometer falsidade ideológica.

Parelhas-RN, 03 de abril de 2008





RIO GRANDE DO NORTE
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
Escola Estadual "Caetano Dantas" - Ensino Fundamental
Portaria de Reconhecimento 509/80
Travessa Antonio Dantas, 199 -Centro- Carnaúba dos Dantas-RN

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins que, MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS, portadora do RG Nº 2.283.075 e CPF Nº 050.997.474-00 lecionou na Escola Estadual "Caetano Dantas", no período de fevereiro a agosto de 2007 como professora estagiária no Ensino Médio (EJA).

Secretaria da Escola Estadual "Caetano Dantas"
Carnaúba dos Dantas/RN, 25 de Janeiro de 2008

Luzia Dantas

Luzia Dantas
DIRETORA
Aut. 019/07

AUTOBIOGRAFANDO-SE COM PAULO FREIRE
 Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)



TERMO ADITIVO

AD - 28

NOME DO CONTRATADO: Maria dos Vitórias
 MATRÍCULA: 2430 70003463
 LOTAÇÃO: Camafeu dos Dombos DATA DO CONTRATO: 16.04.07

O prazo do contrato, ora aditado, fica prorrogado por trinta (30) dias, de acordo com a Cláusula Terceira - Parágrafo Único, sendo ratificadas as demais Cláusulas e aditamentos anteriores.

De 16/05/07 à 14/06/07.
 (data início) (data término)

0 de Dombos, 11 de Maio de 07.
 (local) (dia) (mês) (ano)

IBGE Jose Euzébio dos S. Filho
 SIAPE 0772746
 Subárea de Currículo Novos
 (assinatura do representante do IBGE)

CONTRATADO
Maria dos Vitórias Dombos
 (assinatura do contratado)

TESTEMUNHAS
Neilma de Araújo Dombos Souza
Am. Carla de Aguiar Silva

O prazo do contrato, ora aditado, fica prorrogado por trinta (30) dias, de acordo com a Cláusula Terceira - Parágrafo Único, sendo ratificadas as demais Cláusulas e aditamentos anteriores.

De 15/06/07 à 14/07/07.
 (data início) (data término)

(local) _____ de _____ de _____.
 (dia) (mês) (ano)

IBGE Jose Euzébio dos S. Filho
 SIAPE 0772746
 Subárea de Currículo Novos
 (assinatura do representante do IBGE)

CONTRATADO
Maria dos Vitórias Dombos
 (assinatura do contratado)

TESTEMUNHAS
Neilma de Araújo Dombos Souza
Am. Carla de Aguiar Silva

O prazo do contrato, ora aditado, fica prorrogado por trinta (30) dias, de acordo com a Cláusula Terceira - Parágrafo Único, sendo ratificadas as demais Cláusulas e aditamentos anteriores.

De 15/07/07 à 31/07/07.
 (data início) (data término)

(local) _____ de _____ de _____.
 (dia) (mês) (ano)

IBGE Jose Euzébio dos S. Filho
 SIAPE 0772746
 Subárea de Currículo Novos
 (assinatura do representante do IBGE)

CONTRATADO
Maria dos Vitórias Dombos
 (assinatura do contratado)

TESTEMUNHAS
Neilma de Araújo Dombos Souza
Am. Carla de Aguiar Silva

O prazo do contrato, ora aditado, fica prorrogado por _____ () dias, de acordo com a Cláusula Terceira - Parágrafo Único, sendo ratificadas as demais Cláusulas e aditamentos anteriores.

De _____/_____/_____ à _____/_____/_____.
 (data início) (data término)

(local) _____ de _____ de _____.
 (dia) (mês) (ano)

IBGE _____
 (assinatura do representante do IBGE)

CONTRATADO

 (assinatura do contratado)


TESTEMUNHAS



DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o (a) Sr (a). MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS, portador (a) da carteira profissional nº 03793965 série 00002-RN, foi nosso (a) funcionário (a) no período de 01/03/2009 a 15/10/2013 tendo desempenhado suas funções a contento e nada consta que desabone sua conduta moral e profissional.

NATAL/RN, 23 de outubro de 2013.


SERQUIP TRATAMENTOS DE RESÍDUOS RN LTDA.

Maria das Vitórias Dantas
CPF: 447.146.314-53
IDENT. 603.734 0509M



	<p>ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE PREFEITURA MUNICIPAL DE JARDIM DO SERIDÓ CNPJ 08.086.662/0001-38 SOBRADO "SOLAR PADRE JUSTINO" Rua Cel. Felinto Elísio, nº 20, Centro, CEP 59.343-000 FONE 0**84 3472-3902 Email: semadjs@outlook.com</p>	<p>GOVERNO DO MUNICÍPIO JARDIM DO SERIDÓ</p> <p>Município criado no Reino Unido</p>
--	--	---

CONTRATO POR TEMPO DETERMINADO Nº 018/2016

CONTRATO POR TEMPO DETERMINADO PARA ATENDER À NECESSIDADE TEMPORÁRIA DE EXCEPCIONAL INTERESSE PÚBLICO, QUE ENTRE SI CELEBRAM O MUNICÍPIO DE JARDIM DO SERIDÓ/RN JUNTAMENTE COM O FUNDO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS.

BASE LEGAL - ART. 2º, INCISO V, DA LEI ORDINÁRIA MUNICIPAL Nº 743, DE 22 DE ABRIL DE 2005.

Pelo presente instrumento de contrato por tempo determinado que fazem, o **MUNICÍPIO DE JARDIM DO SERIDÓ**, Estado do Rio Grande do Norte, inscrito no CNPJ sob o nº 08.086.662/0001-38, neste ato representado pelo Sr. **JOCIMAR DANTAS DE ARAÚJO**, Prefeito Constitucional, inscrito no CPF sob o nº 969.270.384-34, residente e domiciliado nesta cidade na Rua Coronel José Tomaz, n.º 216, Centro, juntamente com o **FUNDO MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL DE JARDIM DO SERIDÓ**, Estado do Rio Grande do Norte, inscrito no CNPJ sob o nº 08.086.662/0001-38, neste ato representado pelo Sr. **FRANCISCO CARLOS DE OLIVEIRA**, Gestor do Fundo Municipal de Assistência Social, inscrito no CPF sob o nº 598.020.304-49, residente e domiciliado nesta cidade a Av. Dr Ruy Mariz, 770, Bairro São João, doravante denominado **CONTRATANTE**, e do outro lado a prestadora de serviços adiante identificada, doravante denominada **CONTRATADA**, de acordo com as cláusulas e condições seguintes, reciprocamente aceitas pelas partes.

PARTE I – DADOS PESSOAIS DO CONTRATADO

Nome: **MARIA DAS VITORIAS DANTAS** Data de Nascimento: **18.11.1984**
Nacionalidade: **Brasileira**
Endereço: **Av. Dr. Rui Mariz, 322- Centro**
Cidade: **Jardim do Seridó/RN**
Identidade: **2.283.075/RN** Expedição: **11.10.2007 SSP/RN**
CPF Nº: **050.997.474-00** PIS/ PASEP/ NIT: **190.29655.59-6**

PARTE II – CLÁUSULAS E CONDIÇÕES

CLÁUSULA PRIMEIRA: DO OBJETO E DA BASE LEGAL

Handwritten signature

Handwritten signature

AUTOBIOGRAFANDO-SE COM PAULO FREIRE
Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JARDIM DO SERIDÓ
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
Praça Dr. José Augusto, nº 228 - Centro - CEP: 55343-000 - Fones: (81) 3172-3900/3903 - Fax: (81) 3172-3902
CNPJ 08.086.662/0001-38
prefeituradejardimdoserido@hotmail.com

CONTRATO POR TEMPO DETERMINADO Nº 08/2017

Contrato por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público, que entre si celebram o Município de Jardim do Seridó/RN e MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS DE SOUZA

BASE LEGAL: ART 2º, INSCISO VI, DA LEI ORDINÁRIA MUNICIPAL Nº 743, DE 22 DE ABRIL DE 2005

Pelo presente instrumento de contrato por tempo determinado que fazem, o **Município de Jardim do Seridó**, Estado do Rio Grande do Norte, inscrito no CNPJ sob o nº 08.086.662/0001-38, neste ato representado pelo Sr. **JOSÉ AMAZAN SILVA**, Prefeito Constitucional, inscrito no CPF sob o nº 357.721.584-49, residente e domiciliado a Rua Antônio Gregório de Azevedo, 23, Comissão, nesta cidade de Jardim do Seridó/RN, juntamente com o **FUNDO MUNICIPAL DE TRABALHO, HABITAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL DE JARDIM DO SERIDÓ/RN**, Estado do Rio Grande do Norte, inscrito no CNPJ sob o nº 14.247.147/0001-95, neste ato representado pela Srª Secretária Ana Maria Medeiros Vilar dos Santos, gestora do Fundo Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social inscrita no CPF sob o nº 368.196.464-53, residente e domiciliada nesta cidade a Rua Otávio Lamartine, 146, Centro, Jardim do Seridó/RN, doravante denominada **CONTRATANTE**, e do outro lado a prestadora de serviços adiante identificada, doravante denominada **CONTRATADA**, de acordo com as cláusulas e condições seguintes, reciprocamente aceitas pelas partes.

PARTE I – DADOS PESSOAIS DO CONTRATADO

Nome: **MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS DE SOUZA**

Nacionalidade: **BRASILEIRA**

Endereço: **RUA MANOEL GABRIEL, 10 – ALTA DA CAIXA D'ÁGUA**

Cidade: **JARDIM DO SERIDÓ/RN**

Identidade: **002.283.075**

Expedição: **SSP/RN**

CPF: **050.997.474-00**

PIS/PASEP/NIT: **190.29655.59-6**



MUNICÍPIO DE JUCURUTU
Praça João Eufrásio de Medeiros - Nº 14 – Centro - CEP.: 59.330-000
JUCURUTU-RN – FONE/FAX: (84) 3429-2299
CNPJ – 08.095.283/0001-04

PORTARIA Nº 017, DE 21 DE JANEIRO DE 2019.

O PREFEITO MUNICIPAL DE JUCURUTU, ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 49, inciso II, da Lei Orgânica do Município.

RESOLVE:

Art. 1º - EXONERAR MARIA DA CONCEIÇÃO ALVES DE MOURA, CPF nº 937.511.334-53, do cargo de Chefe de Setor Executivo dos Conselhos, de nível em comissão CC5, lotado na Secretaria Municipal de Assistência Social.

Art. 2º - NOMEAR MARIA DAS VITÓRIAS DANTAS, CPF nº 050.997.474-00, para o cargo de Chefe de Setor Executivo dos Conselhos, de nível em comissão CC5, lotado na Secretaria Municipal de Assistência Social.

Art. 3º - A presente portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, retroagindo seus efeitos à 15 de Janeiro de 2019.

Dê-se ciência, publique-se e cumpra-se.

GABINETE CIVIL, Prefeitura Municipal de Jucurutu/RN, 21 de Janeiro de 2019.


Valdir de Medeiros Azevedo
Prefeito Municipal

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro
Câmara (Org.)



Capa do Memorial

AS MEMÓRIAS DA TEORIA E PRÁTICA DA EDUCADORA EM TEMPOS SOMBRIOS

Miriam Paulo da Silva Oliveira

INTRODUÇÃO

As memórias nos remetem as nossas vivências teóricas e práticas ao longo da vida, mas há conjunturas mais marcante do que outras, umas que nos permite viver intensamente em vigilância de nossa práxis pedagógica. E o momento de 2020 e 2021 estão sendo os anos mais difíceis, pois me fez repensar na minha prática enquanto professora e também atuando no momento enquanto coordenadora dos anos finais do Ensino Fundamental e também na Educação de Jovens e Adultos, por muitos anos venho atuando em Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos e Idosos e sempre estou atuando em EJA. Durante o estudo me sentia bem, pois me trazia sempre esperança de que precisava estudar ainda mais sobre Freire para compreender as relações estabelecidas antes e durante a pandemia da Covid- 19, analisar o meu comportamento, posicionamento diante de tantos fatos reais e que me levava a pensar o que posso fazer em um contexto tão complexo e adverso.

Então, quero me apresentar, sou professora dos anos finais de língua portuguesa e inglês e também professora de EJA em outro município. Tenho magistério, Letras e Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, Mestrado em Ciências da Educação, e esse ano estou no Doutorado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS), também em Ciências da Educação. Gosto muito de pesquisar, escrever, ler diversos conteúdo do mundo das ciências e de me inteirar das notícias, checando sempre as fontes.

Sou uma apaixonada pela educação, tenho a humildade de reconhecer que estou sempre aprendendo com os meus alunos e meus colegas de trabalho. Porque tenho consciência da minha inconclusão. Sempre busco o conhecimento no sentido de ser mais e melhor, para melhor ensinar e aprender, na perspectiva de sempre está discutindo e aprimorando para mim e compartilhando os saberes construídos socialmente com os pares.

Desta forma, sintetizo afirmando que não sei tudo, estou na busca de sempre aprender nos estudos, e no Centro Paulo Freire com as mulheres e homens que se encontram a cada quinzena tenho aprendido bastante com eles/as, numa partilha boa de como trabalhar em tempos tão difíceis, principalmente com os estudantes da EJA que mais uma vez estão sem acesso às aulas online, nesse período pandêmico. Então o meu objetivo maior não é buscar respostas, mas dentro do possível partilhar as angústias com as/ os professores e professoras que mediam e discutem várias problemáticas do nosso cotidiano e também compartilhando as experiências.

REFLEXÕES VIVENCIADAS NOS GRUPOS DE ESTUDOS E DA PRÁTICA

Os grupos de estudos durante o período de 20 de fevereiro a 17 de maio de 2021. Foram momentos de compartilhamento de experiências, falas, discussão da obra *Pedagogia da Autonomia*, sendo uma obra que fala especificamente sobre os saberes da prática docente. Durante círculos de cultura aprendemos e apreendemos mais ainda sobre o Mestre Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira.

A muito tempo que venho lendo Freire, sempre em vigilância da teoria e a prática, como diz Freire, 1996:

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. (FREIRE, 1996, p. 164).

Dessa forma, faz necessário que no lugar de educador e educadora eu vá construindo conhecimento com os meus estudantes e os educadores que trabalham comigo, numa ação de respeito ao saber do outro, na prática pedagógica que tenham elementos defendidos por Freire, a ética, a rigurosidade metódica, a boniteza, a estética, a amorosidade são princípios para ele essencial na ação de educar. Freire, 1996, pág. 147, ainda afirma que *a prática estritamente humana jamais pode entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos deversem ser repimidos por uma espécie de ditadura reacionalista*. E assim a cada avanço do estudante vibro com ele, falo dos desejos deles poderem continuar os estudos, na esperança de vê-los bem, acreditando no potencial que os jovens e os adultos têm, na capacidade de criar e recriar em momentos tão difíceis, mas sempre levanto a autoestima dos educandos. E cada brilho no olhar vibro sim, pois educar está envolvido nas relações emocionais, e isso me deixa também mais feliz na minha missão de educar, que aos poucos fui me tornando uma educadora melhor, como professora, pesquisadora e como gente.

Sempre atenta a minha prática, para não transferir conhecimento, mas ensinar pelo exemplo, trazendo as experiências dos estudantes, suas vivências, partindo de problemática do cotidiano. A curiosidade é o que nos move, Freire fala da curiosidade, que devemos aguçar a curiosidade, e

não as ignorar. Numa educação assim, que não seja um ato de depósito, mas de discutir, de descobrir juntos, de que o educando seja o autor de suas aprendizagens com a mediação do docente e em comunhão com o mundo, segundo Freire, 1987, "*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*". Portanto, é assim que me vejo nesse ato de educar, um contribuindo e aprendendo em comunhão uns com os outros.

Gostaria de partilhar que com os meus estudantes jovens e adultos eu aprendo muito com eles, interação, gostam de perguntar, dialogar, confiam muito em mim, eu faço de tudo para atendê-los da melhor forma, pois eles não tiveram acesso no tempo certo, apesar de hoje em dia ter um público muito grande jovem na EJA, são estudantes que colaboram uns com os outros, se permitem aprender algo novo que vão acrescentar nas suas experiências, e muitos deles me solicitam alguns conteúdos ligados a concurso público e busco sempre atendê-los, já tive sim alunos que passaram em concurso e que também fizeram curso superior, isso é tudo muito gratificante para mim, enquanto professora que os encorajo e sonho juntos com eles e elas. Então, parafraseando Freire, de modo algum posso desconsiderar os conhecimentos e o seu saber de experiência feito. E isso tudo vem recheado do que ele também falava que "*a leitura de mundo precede a leitura da palavra*". Segundo Freire, 1996, pag. 90. Assim é a existência de estar no mundo, transformar essa realidade e seguir sonhando e alcançando cada degrau da/na vida. Não é apenas estar no mundo, mas modificar com ações. E a educação é uma arma poderoso e ideológica que colabora e muito para a libertação das pessoas e as faz enxergar que é possível sonhar e realizar os sonhos. Estou, portanto, muito convencida do poder da educação e sua influência na vida das pessoas.

CONCLUSÕES

Partindo da premissa que o educador é um espelho sim em exemplo para os educandos, cabe ao educador problematizar as situações através da dialogicidade, sem imposição, trabalhando o que é possível e importante nesse tempo de pandemia. Nesses tempos sombrios o educador deve ser um exemplo em humanidade, de escuta ao outro e fortalecer ainda mais vínculos e acreditar na Ciência para vencer esse momento e sempre dialogar com os estudantes sobre que a ciência pode salvar muitas vidas. É um tempo atípico, mas o meu compromisso ético, pedagógico e político me faz refletir que ainda deve se intensificar ainda mais a ação educadora, no sentido de que podemos fazer círculos de cultura e diálogo com os estudantes e professores para pensar a atualidade e que saídas temos para o enfrentamento de uma sociedade polarizada, e muitas vezes sem esperanças de dias melhores. Então me vejo sim com esse compromisso, quando leio Freire, sabendo que devemos esperar, não do verbo esperar, mas de esperarar, enfrentar e fazer revolução pedagógica mesmo no tempo tão complexo como este. Para Freire, (2011), a pedagogia da esperança: *Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a conivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa ao neoliberalismo*. Freire, 2011, pág. 17.

Então, o grupo de estudo me ajudou bastante a repensar o meu papel como ator social e educadora nesse período, foram dias maravilhosos, em que o coração batia mais forte, os olhos brilhavam mais ainda num coletivo de educadores e educadoras que se propuseram a compartilhar o conhecimento e vivências nesses dias de estudo e discussão da obra de **Paulo Freire, Pedagogia da autonomia**.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa- São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido- 17ª ed.- São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO: PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA DOCENTE EMANCIPADORA

Gisely de Nazaré Freitas da Silva

INTRODUÇÃO

Sou Gisely Freitas, professora de Ética e Cidadania (no ensino fundamental II) e Sociologia (no ensino médio). Atuo na educação básica em Belém-PA desde 2014 na rede privada. Sou formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e atualmente, pós-graduanda em Saberes, fazeres e práticas educativas na Amazônia pelo Instituto Federal de Educação do Pará (IFPA).

Todo aporte freiriano vivenciado durante a formação no grupo de estudo possibilitou que eu pudesse experienciar durante o semestre passado na turma do 8º ano no Colégio Da Vinci (Belém-PA, bairro do Souza) uma metodologia motivada pelas leituras e participação nos encontros formativos que me trouxeram impressões novas comparadas às turmas anteriores.

A proposta principal da escolha motivada pelas leituras freirianas durante o curso foi possibilitar aos alunos do 8º ano, autonomia e liberdade, sobretudo considerando o contexto da pandemia, no qual percebi desmotivação e desinteresse pelas aulas (o que antes disso, não existia). Considerando as contribuições de Freire (2005) cuja minha compreensão entende que, o processo de liberdade deve ser visto e sentido por ambas as partes, busquei discutir dentro da Sociologia a discussão em torno da Justiça Social e Desigualdade a partir das vivências e exemplos trazidos por eles para tais conceitos. A reunião das idéias obtidas possibilitaram que pudéssemos discutir nas aulas, os conceitos relacionados ao cotidiano deles, suas experiências

e percepções em suas comunidades, nas relações estabelecidas com os sujeitos em seus espaços, entre outros.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA NO GRUPO DE ESTUDO

A partir da trajetória profissional que vivenciei ao longo desses sete anos na educação básica, inclusive em espaços não formais dentro de movimentos sociais e educação popular, a experiência formativa no grupo de estudo foi fundamental para que eu pudesse compreender de forma mais veemente os aportes teóricos de Paulo Freire no contexto da obra Pedagogia da Autonomia e aplicar na turma do 8º ano com a proposta de trazer novas experiências aos alunos, assim como aprimorar o que compreendi na teoria aplicando para a prática no cotidiano da atividade docente.

A experiência atendeu à minha proposta de motivar os alunos no contexto da pandemia que ainda perdura. Contudo, no semestre passado era um contexto novo enfrentado por eles (e, também por todos os docentes). Dessa forma, o grupo de estudo trouxe muitas contribuições para a melhoria da minha prática profissional, pois as modificações que experienciei fundamentadas na obra em questão estabeleceu ponderações e reflexões dentro da discussão de vários conceitos na disciplina Sociologia, todas embasadas no respectivo aparato teórico/metodológico freiriano contemplando a liberdade e autonomia docente e discente para tornar as aulas diferentes dos métodos tradicionais, até então realizados em anos anteriores.

Em decorrência dos pressupostos e idéias trazidas pelos alunos pudemos discutir conceitos, como Justiça Social e Desigualdade a partir de vivências e experiências observadas por eles em seu cotidiano. Todas elas, pude escutar, compreender e reunir de forma que possibilitaram apenas que

eu fizesse a mediação com a Sociologia, colocando-os como atores sociais importantes em seus contextos. Dessa forma, foi possível que eles compreendessem que, suas observações e experiências têm fundamentos com base na autonomia e liberdade do sujeito que Freire (2005) aborda em sua obra.

Em vista disso, pude também experimentar e compreender que esse método discutido por Freire (2005) dentro de um processo educativo ocorre de maneira centrada na mediação do docente às contribuições que os alunos são capazes de trazer de suas vivências, experiências e práticas no cotidiano. É necessário entender, como fui capaz de experimentar pelas contribuições dessa formação, que cada aluno traz consigo uma série de experiências e conhecimentos oriundos de sua comunidade, de suas práticas cotidianas e cabe ao docente organizar e mediar todo esse conjunto de perspectivas aos conceitos e idéias contidas nos currículos escolares.

CONCLUSÃO

Em síntese, reforço a contribuição da formação para propiciar um trabalho pedagógico no contexto da Sociologia, com base em uma metodologia que parte de um pressuposto de investigação temática a partir de um conjunto de vivências e conhecimentos trazidos pelos alunos do 8º ano. Essa verificação do universo dos alunos e dos modos de vida e seus costumes, com o objetivo de perceber como o aluno sente sua realidade e a partir disso fazer com que, eles pudessem contribuir para dar início às aulas e seus principais pontos de discussão. Isso tudo foi importante para resultar em aulas mais motivadoras e com as perspectivas que eles esperavam para continuar a disciplina em um contexto tão delicado para todos, como a pandemia.

A partir do levantamento das idéias e experiências trazidas por eles, foi definido um tema gerador geral e demais

tematizações a serem trabalhadas através de escolhas deles envolvendo o ponto principal na disciplina Sociologia que discutiu Justiça Social e Desigualdade presente no currículo. Dessa forma, foram contemplados recortes que representaram aspectos da realidade concreta dos alunos a fim de suscitar debates que levaram à problematização das situações vividas relacionadas ao tema principal da aula, cujo estava presente no currículo escolar.

Dentro dessa perspectiva, a formação viabilizou uma nova forma de prática docente que resultou em uma maior autonomia e liberdade, inclusive por parte dos alunos na maneira de participar e contribuir à aula. Seus relatos e reflexões acerca de seu cotidiano, hoje, continuam sendo importantes e parte relevante das aulas de Sociologia. Nesse sentido, a formação foi fundamental para que melhorasse minha prática docente, ou seja, me redescobrisse pautada nos métodos freirianos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

RELATO DE EXPERIÊNCIA – MEMORIAL A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E SUA INTERFACE COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS EDUCATIVA DA AFETIVIDADE

Simone Ferreira Angelo⁶

INTRODUÇÃO

Trago aqui neste artigo a minha trajetória educacional que reverbera na trajetória profissional e se entrelaça à perspectiva Freireana. Nesta trajetória vem à tona entre várias dimensões a da formação de professores com ênfase para a continuada à luz de uma pedagogia da autonomia.

O intuito do artigo é apresentar as reflexões partilhadas no Grupo de Estudo de leitura, reflexão e debate do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, uma iniciativa do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas em parceria com o Fórum Municipal de Educação de Caruaru. Constitui também em dialogar sobre como esta ação se refletiu em minha práxis educativa. Além de rememorar minha trajetória docente de modo a repensar a relação ensino-aprendizagem, a relação professor-estudante de modo a tornar mais viva a presença da pedagogia Freireana na práxis educativa diária.

Participar do grupo representou retomar a leitura do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, trazer à tona inquietações vividas no âmbito escolar e desta forma buscar em especial nesta obra de Paulo Freire a

⁶ Professora e Coordenadora Pedagógica na Escola Família Agrícola de Belo Monte /Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES). Mestre em Educação Básica, Ensino e Formação de Professores. Bacharel em Engenharia Agrônoma, licenciada em Letras – Literatura e Língua Portuguesa.

retomada do papel político do professor no engajamento por uma educação libertadora. Esta leitura também trouxe o refletir sobre os saberes que são necessários para a prática educativa libertadora; o que precisamos enquanto educadores para construir esta prática e fazer dela a ponte entre escola, família e comunidade por uma educação para a reumanização. Prática tecida em saberes que contribuem para a transformação dos estudantes, das famílias, da comunidade e dos próprios professores, passando de uma condição de submissão e servidão para uma condição de autonomia e libertação.

Desta forma, ter participado deste grupo de estudos do livro *Pedagogia da Autonomia* representou abrir as portas de nossos lares para deixarmos entrar pelas diversas telas de norte a sul, de leste a oeste do Brasil e para além dele, os “saberes necessários à prática educativa.”

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E INTERFACES COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A minha primeira experiência na docência se deu em Escolas Famílias Agrícolas, no ano de 2001 no Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), após a conclusão do Bacharelado em Agronomia.

Cabe aqui uma apresentação desta Instituição que vem desde 1968 articulando junto às comunidades camponesas uma educação popular do campo. O MEPES é responsável por uma rede de dezoito escolas famílias agrícolas (EFA's) e possui o diferencial por adotar nestas escolas, no âmbito do Estado do Espírito Santo, o sistema educativo *Pedagogia da Alternância*. “[...] é uma entidade sem fins econômicos, com número ilimitado de associados, que desejarem associar-se, desde que partilhem dos mesmo ideais filosóficos e sociais [...]” (MEPES, 2015, p. 6).

A Pedagogia da Alternância é um sistema educativo que surgiu na França em 1935, que alterna espaços e tempos de ensino-aprendizagem na escola com tempo e espaços de ensino –aprendizagem no meio familiar/comunitário e chega ao Brasil, ao final da década de 60, a partir do Estado do ES com o trabalho do MEPES junto às comunidades camponesas e o trabalho social das comunidades eclesiais de base. Esta história “[...] vivida intensamente (...) numa época de escuridão política. Período em que até a palavra conscientização era proibida” (ZAMBERLAN, 1995, p. 3). Implanta-se no Brasil a Pedagogia da Alternância em 1968, a partir de trabalhos de base motivados pelas mesmas forças que constituem o pensamento e a práxis educativa de Paulo Freire traduzida em sua vasta obra que culmina com a sua última publicação em vida, a Pedagogia da Autonomia.

Neste sentido, é na Instituição MEPES em 2001, que se dá a minha primeira experiência profissional, na EFA de Jaguaré. A princípio lecionando a disciplina de matemática para as turmas do ensino médio integrado ao técnico em agropecuária, onde permaneci até março de 2002. A partir desta data a março de 2008 continuei no MEPES mas na Escola Família Agrícola de Olivânia, lecionando no ensino fundamental e no ensino médio integrado ao técnico em agropecuária. Ainda no MEPES no início de 2008 fui para a Coordenação Administrativa da EFA – Belo Monte que iniciou atividades em de abril do mesmo ano. Nesta EFA permaneci na Direção e docência até 2008 ano em que iniciei o Mestrado e fui para a coordenação pedagógica desta mesma EFA, saindo assim da direção para conseguir conciliar trabalho, estudo e pesquisa. Continuo desde então até a presente data na Escola Família Agrícola de Belo Monte (EFA – Belo Monte) na docência e na Coordenação Pedagógica. Na docência atuo no ensino médio integrado ao técnico em agropecuária nas disciplinas de Biologia e Planejamento e Projetos Agropecuários.

A EFA- Belo Monte (imagem1) localiza-se no Município de Mimoso do Sul, ao extremo sul do Estado do Espírito Santo, divisando com o Estado Rio de Janeiro (conforme imagem 2 e imagem 3).

Imagem 1: Escola Família Agrícola de Belo Monte



Fonte: arquivo da EFA-Belo Monte

Imagem 2: mapa do Estado do ES com destaque em vermelho para o Município de Mimoso do Sul



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EspiritoSanto_MesoMicroMunicip.svg

Imagem 3: Mapa do Município de Mimoso do Sul - ES



Fonte: <https://cualbondi.org/br/a/r1827273/mimoso-do-sul/>

A escola teve início das atividades em abril de 2008, tem com entidade mantenedora o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) e Prefeituras de dois Municípios atendidos pela EFA, Mimoso do Sul e Muqui.

Assim foi e vem se delineando a minha prática educativa que neste ano em 01 de agosto, completa vinte anos. Passa um filme ao retornar esta trajetória que tem início em um contexto pessoal, histórico, político e social diverso deste cenário atual. E reler a Pedagogia da Autonomia, debater e refletir sobre os saberes necessários à prática educativa pontuados por Freire traz mais interrogações. Sobre como foi sendo construída minha formação docente que se inicia no antigo magistério que foi meu ensino médio; vai para o bacharelado em Agronomia; retomo profissionalmente ao magistério nas escolas famílias agrícolas como docente; neste caminhar faço complementação pedagógica; faço especializações nas áreas da educação; faço a formação inicial dos monitores do MEPES e a formação continuada todos os anos promovida em encontros pelo MEPES; faço uma licenciatura em Letras, culmino com o Mestrado em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores e com a inserção em grupos de pesquisa. Foram 20 anos em busca

destes saberes necessários a uma prática educativa. E nesta prática fui me descobrindo e me constituindo professora, reflexiva, pesquisadora e acima de tudo humanizadora de mim mesma, pois que nesta relação me humanizei e me humanizo todos os dias com os estudantes, com os colegas professores, com as famílias dos estudantes, com a comunidade escolar, com as comunidades camponesas, com os e as agricultores/as. E assim me encontro com vários saberes apresentados por Freire (2017) dentre elas a de Ensinar exige rigorosidade metódica; a de que ensinar exige pesquisa; exige respeito aos saberes dos educandos; exige criticidade e exige reflexão crítica sobre a prática. Estas exigências forma sendo buscadas ao buscar na formação continuada, na vivência prática, na pesquisa estas dimensões de saberes apresentados. E nesta busca encontro-me com a constatação de que,

Ensinar não é transferir conhecimento, posto que ensinar exige: consciência do inacabamento; reconhecimento do ser condicionado; respeito à autonomia do ser do educando; bom senso; humildade e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; curiosidade (FREIRE, 2017, p. 47-82).

Esta constatação traz à luz o último grupo de saberes que Freire (2017) nos apresentou, o de que ensinar é uma especificidade humana. Desta forma cabe a nós professores nos alinharmos aos saberes que são intrínsecos a esta nossa condição humana e que também é a condição dos educandos. A partir da proposta do grupo de estudos da obra venho acolhendo o sentimento de que a Pedagogia da Autonomia é um testemunho de que o mestre/educador Paulo Freire em um ato de querer bem a nós educandos nos presenteou com vinte e

sete saberes necessários para a prática educativa à luz de uma pedagogia da autonomia.

Uma espécie de mapa a nos conduzir para uma pedagogia da autonomia sustentada em vinte e sete pilares construídos a partir de exigências ao ato de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar deste grupo de leitura e estudo proporcionou a leitura e releitura de uma obra que vem ao longo dos anos impactando gerações de professores, estudantes, pesquisadores e público em geral. Impacta por ser uma obra datada de 1996 mas que representa o cenário atual. Na realidade em que atuo retomar esta leitura de “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” é trazer à tona a reflexão sobre os desafios que se apresentam para a efetivação de uma pedagogia da autonomia, para as possibilidades que temos enquanto educadores reflexivos mas também é um alerta para que problematizemos a propalada ideia de que as tecnologias digitais de informação e comunicação se constituem de uma panaceia para romper os desafios que se impõem à educação. Ideia esta que se intensifica com neste momento de ensino virtual e que aos poucos vai migrando para metodologias de ensino híbrido enquanto propostas pedagógicas que vieram para ficar em virtude de um mundo marcado pela informatização e virtualização em larga escala.

Nesta perspectiva o trabalho com o livro em questão vem contribuir para dimensionarmos o papel do professor em uma sociedade que se transforma constantemente mas que também vive desafios milenares na busca da superação das situações limites já apresentadas por Freire e que se constituem de antigos dilemas da humanidade. Por mais que tenhamos avançado nas tecnologias e principalmente no campo das biotecnologias vivemos ainda e ainda estamos longe de superar

as grandes desigualdades sociais que impelem a maioria da população a uma situação de pobreza, extrema pobreza e vulnerabilidade social em uma sociedade em que conforme diz jargão popular muitos não tem nada e poucos tem tudo, estes tem além do que precisam para viver e vivendo assim retiram dos menos favorecidos a possibilidade de viver com dignidade. Esta desigualdade econômica e social leva a uma situação de ocorrência da fome, da miséria, precariedade nas condições sanitárias, vulnerabilidade a doenças infectocontagiosas, falta de lazer, falta de esporte, fome de cultura e aumento da violência e marginalização de grupo sociais. Enfim a educação constitui não o único caminho para superação destas mazelas mas toda as possibilidades tem na educação o fio condutor para a humanização da sociedade e neste momento diria até que para a reumanização da mesma, haja visto tanta frieza e indiferença que a pandemia da COVID-19 evidenciou.

A práxis educativa, proposta por Freire pressupõe uma “educação como prática da liberdade” que para tal requer uma “pedagogia do oprimido”, pois este vivencia na pele as mazelas já citadas e impostas pelo opressor. Mas esta pedagogia só se concretizará a partir de uma “pedagogia da autonomia” enquanto aquela que orienta para os “saberes necessários à prática educativa” a partir de vinte e sete apontamentos necessários a estes saberes.

Comecei e concluo o artigo evidenciando a afetividade enquanto caminho a uma prática educativa pois este é o último dos saberes apresentados por Freire, de que “Ensinar exige querer bem aos educandos” e atualmente mais do que nunca este sentimento nos manteve firmes no esperar de nossos professores e nossos estudantes estarem bem, retornarem bem e em segurança para a escola. Entrelaço este saber ao saber escutar, pois que este será exigido para a reconstrução coletiva de uma prática educativa no chão da escola.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55ª Ed. - Rio de Janeiro /São Paulo: Paz e Terra, 2017.

Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo.

Estatuto. Anchieta, 2015. Disponível em:

<https://www.mepes.org.br/documentos/estatuto/estatuto.pdf>.

Acesso em 16/07/2021.

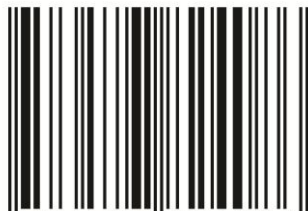
ZAMBERLAN, Sérgio. **Pedagogia da Alternância: Escola da Família Agrícola**. 2. ed. Gráfica Mansur LTDA., 1995.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

ISBN: 978-65-87824-08-6

BR



9 786587 824086